

Incentivando a pesquisa e a produção textual na graduação: a experiência da disciplina Campo Profissional da Educação Física (2013/2)



Organizadoras

Christiane Garcia Macedo

Pamela Siqueira Joras

Suélen de Souza Andres

Coleção GRECO





**Incentivando a pesquisa e a produção textual na graduação: a
experiência da disciplina Campo Profissional em Educação Física 2013/2**

Christiane Garcia Macedo

Pamela Siqueira Joras

Suélen de Souza Andres

Organizadoras

Coleção GRECCO



Coleção GRECCO

A Coleção GRECCO é um projeto editorial do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem como proposta a publicação de livros eletrônicos privilegiando obras clássicas e contemporâneas no campo da Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas. História, Memória, Gênero, Sexualidade e Mídia são temas de maior interesse. A criação da coleção integra o movimento de acesso livre à informação científica.

Coordenadora da Coleção:

Silvana Vilodre Goellner

Conselho Editorial:

André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE)

Angelita Alice Jaeger (UFSM)

Ivone Job (UFRGS)

Lívia Tenório Brasileiro (UPE)

Ludmila Mourão (UJF)

Meily Assbú Linhales (UFMG)

Victor Andrade de Melo (UFRJ)

Copyright © 2014 Centro de Memória do Esporte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-Pró-Reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física - ESEF - UFRGS

Diretor: Alberto Reinaldo Reppold Filho

Vice-diretor: Flávio Antônio de Souza Castro

Centro de Memória do Esporte - CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Projeto Gráfico (Capa): Suélen de Souza Andres

Projeto Gráfico e diagramação (Miolo): Pamela Siqueira Joras

Capa: Fotografia da turma de alunos e alunas da disciplina

Revisão: Naila Toguinha Lomando

Esta publicação foi concebida a partir do material que integra o acervo do
Centro de Memória do Esporte.

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida, desde
que citada corretamente a fonte.

I36 Incentivando a pesquisa e a produção textual na graduação: a experiência da
disciplina Campo Profissional em Educação Física 2013/2 / Organização
Christiane Garcia Macedo, Pamela Siqueira Joras, Suélen de Souza Andres -
Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2014.

81 p., il.

ISBN 978-85-66106-21-3

1. Educação física. 2. Graduação. 3. Atuação profissional. 4. Produção
acadêmica. I. Macedo, Christiane Garcia, organizadora. II. Joras, Pamela
Siqueira, organizadora. III. Andres, Suélen de Souza, organizadora.

CDU 796

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da ESEF da UFRGS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PREFÁCIO	8
DIFERENÇA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES INSTRUTORA/ALUNO EM ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO	11
<i>Andrea Pacheco, Bruna Costa, Edson Soares da Silva, Fabiane Menezes, Naia Ribeiro, Priscila Antunes e Thaiely Costa</i>	
A IMAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA MÍDIA ATUAL	30
<i>Bruno Nogueira Schlemper, Marcelo Batista da Costa, Pablo Soares Macedo Lopes, Raphael da Costa Pereira, Renata Thober Pires e Wilian Antiqueira da Luz</i>	
BACHARELADO E LICENCIATURA NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL	35
<i>Guaspar Guantimozin, Leandro Coconcelli, Gabriel Miraflores, Mario Augusto e Franco Mendonça</i>	
EDUCAÇÃO FÍSICA E MERCADO DE TRABALHO: UM PANORAMA DAS CONDIÇÕES SALARIAIS	42
<i>Carlos Rafael Soares Mota, Eliana Ribeiro de Freitas, Gabriel Oliveira Barboza, Gustavo Henrique Ribas Bernardi, Ian Massumi Carneiro Ogawa, Lucas Fernando Pereira dos Santos, Rodrigo Rabello da Silva e Wylliam Alexsander Chaves</i>	
ÉTICA E EMAGRECIMENTO CORPORAL	58
<i>Carlos Baron, Maicon Moraes, Matheus Bertotto, Rodrigo Otávio, William Gomes, Henrique Lucena</i>	
OS MEGAEVENTOS	65
<i>Anny Ambrosio da Silva, Gláucia Fatturi Salaberry, Julia Giusti, Juliana Maia Delfino, Luiza Lopes Amoretti, Paula Paré da Rocha e Tamiris Santos Sfair Castro</i>	

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de um exercício proposto aos alunos/as da turma 2013/2 na disciplina “Campo Profissional da Educação Física” (EFI04316) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A ideia era criarmos uma estratégia para fomentar a reflexão sobre temas relacionados ao campo e à atuação profissional.

A disciplina é ofertada na primeira etapa do curso de licenciatura e nesse semestre específico esteve sob responsabilidade da professora Silvana Vilodre Goellner contendo a seguinte ementa: “Aborda o universo da Educação Física no Brasil, identificando a prática profissional dentro dos sistemas de educação, de esporte e lazer e de saúde, bem como os trajetos curriculares previstos para os cursos de Educação Física da Escola de Educação Física da UFRGS. Trata do cotidiano laboral da educação física: escolar, serviços de saúde pública, serviços de lazer (rede pública municipal, estadual e federal, OSCIPs - Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público), e serviços privados de orientação/treinamento de práticas corporais (academias de ginástica, clubes, escolas de formação esportiva etc.). Instiga a reflexão sobre os dilemas ético-normativos da intervenção profissional. Promove visitas a campo como atividades práticas do componente curricular. Prevê atividades práticas de visita a campo”.

A disciplina contou com a participação das professoras Christiane Garcia Macedo, Pamela Siqueira Joras e Suélen de Souza Andres que cumpriam o estágio docente previsto no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. O transcorrer da disciplina contemplou atividades como apresentações orais, discussões de textos, visitas a espaços nos quais professores/as de Educação Física atuam, confecção de relatórios de atividades, entre outras. Para tanto a turma foi dividida considerando quatro campos de atuação profissional: escolar, esportivo, de lazer e de saúde. A partir dessa delimitação os/as alunos/as realizaram visitas a locais específicos e, partindo das observações e anotações que fizeram nestes espaços,

foram fomentados os debates realizados em aula com o objetivo de problematizar e discutir temas relacionados a estes campos e à intervenção profissional.

Como uma das etapas da avaliação foi proposta a produção de um texto em formato de artigo acadêmico cujo foco contemplaria seis temas, todos eles debatidos em aula: a) As diferenças de gênero nas relações instrutor/a-aluno/a em academias de musculação; b) Bacharelado e Licenciatura na atuação profissional; c) Megaeventos esportivos; d) A imagem do campo profissional da Educação Física na mídia; e) Ética profissional e emagrecimento corporal; f) Condições salariais do/da profissional de Educação Física.

As orientações para a confecção do artigo levaram em consideração que a disciplina é ofertada no primeiro semestre do curso e que a grande maioria dos/das discentes ainda não havia vivenciado a experiência de produção de um texto acadêmico. Razão pela qual, ao longo da disciplina orientamos os/as participantes sobre questões metodológicas e de escrita tendo como ponto de referência os relatórios produzidos nas visitas e em outras atividades desenvolvidas em aula.

Destacamos como importante a orientação de que esses artigos tivessem uma base empírica com dados produzidos no trabalho de campo. Consideramos como fundamental esse exercício, pois além de escrever o texto os/as alunos/as o apresentaram para a turma gerando um debate sobre cada temática apresentada. Por fim entendemos que essa experiência foi muito produtiva porque a turma acatou o desafio da produção textual superando inclusive as expectativas iniciais, o que incentivou essa publicação coletiva.

Publicar esse trabalho é registrar o empenho de alunos/as que, em sua maioria, iniciavam sua caminhada na universidade. Entendemos que ao propor esse desafio estávamos também os/as incentivando para que continuem refletindo sistematicamente sobre questões do campo profissional da Educação Física de forma curiosa e atenta.

Christiane Garcia Macedo
Pamela Siqueira Joras
Suélen de Souza Andres

PREFÁCIO

É comum em época de eleições, diferentes partidos entoarem slogans, como mantras de um marketing sagrado: a valorização da educação e do professor como fator de desenvolvimento do país e garantia de futuro melhor. Mandatos se sucedem ao longo dos anos, e muito pouco se percebe de mudanças efetivas no cumprimento destas promessas eleitorais.

Uma pequena visita ao passado do país mostra nauas trazendo promessas messiânicas de um tempo de progresso para os que aqui viviam. Talvez por isto estes mantras ainda surtem efeito em pleno século XXI.

No meio acadêmico desconheço alguém que não defenda o tripé da universidade como pedra basilar da existência institucional: ensino, pesquisa e extensão. Mas quando se vai analisar a história particular, raros são aqueles que integram estas diferentes dimensões em suas carreiras acadêmicas.

É também senso comum em segmentos da sociedade o alerta apocalíptico de que os jovens estudam cada vez menos e assim, o nível educacional está decadente.

Felizmente existem aqueles que não se convencem com as frases prontas do senso comum, não se deixam enganar pelo canto de sereia determinista de que a história apenas se repete e não se transforma. E não fazem do discurso apenas isto... um discurso.

Partem para a concretização de suas convicções e princípios.

O *e-book* ao qual tenho a honra de prefaciar neste momento é evidência relevante contrária às hipóteses nefastas citadas no início deste texto, pois retiram a condição dos sujeitos serem capazes de se tornarem produtores de sua história e reescrever os rumos que irão seguir.

A Prof. Dra. Silvana Vilodre Goellner é uma das raras pessoas que não esperam por soluções de impacto para começar a construir um mundo diferente do que ela recebeu. Ela sabe que grandes transformações acontecem a partir de pequenas ações. E uma das virtudes desta docente é contagiar aqueles que estão ao seu redor em ideias e projetos que concretizem estas convicções.

Este trabalho é resultado da iniciativa da professora que transformou sua responsabilidade docente junto às aulas, unindo a produção do conhecimento da graduação e da pós-graduação, num processo de incentivo aos alunos tornarem-se produtores de seu conhecimento, caminho fundamental para a diferenciação profissional.

Ler os artigos que compõem este *e-book* é uma brisa de renovação pedagógica por conter uma visão de educação que investe no ser humano em constante formação e aprendizagem. Talvez esta brisa anuncie furacões que venham desestruturar ideias limitantes que ainda vicejam na sociedade e no meio acadêmico. São textos de alunos de primeiro semestre. Poderiam facilmente ser confundidos com uma coletânea de TCCs – guardadas as devidas proporções de tempo de formação entre um e outro.

Kant enunciou seu primado universal anunciando que um princípio que pudesse ser estendido a todas as pessoas com efeito para melhor, seria um princípio desejável. Neste sentido, tenho convicção de que a experiência deste *e-book* for adotada por mais professores representaria uma saudável revolução na educação, pois a ação docente (em todos os níveis) é sempre geradora de novos dados que permitem a construção de saberes significativos e raros. Falta o hábito de exercitar-se esta ação no registro da sua ação e na construção de textos que organizem suas reflexões. Desde o século passado, o livro “Ler e escrever – compromisso de todas as áreas” da UFRGS ressaltava a importância de trabalhos como este que você passeia seu olhar agora.

Mas, paradoxo dos paradoxos, não adianta a formulação de um *e-book* em cada disciplina ou aula, como uma atividade inovadora na sala de aula. É preciso a convicção de novos caminhos para a ação docente, determinação para construir espaços diferenciados e principalmente coragem de propor inovações quando repetir o mesmo é mais “seguro”. E isto não se consegue com formulas, mas nasce com a disposição de aprender sempre ao longo da vida e estar aberto às oportunidades que o dia a dia sempre oferece.

Que a leitura destes textos seja inspiradora nesta disposição de aprender como elemento vital no desenvolvimento cognitivo em produzir sua história profissional e pessoal.

Deixo um desafio aos autores deste texto. Ao final de sua jornada na formação do curso, voltem a reunir-se e reavaliem sua trajetória e significado desta construção

textual em sua concepção de futuro docente a atuar na realidade que agora está a iniciar. Algo de novo está para acontecer. Embora não possamos vislumbrar o futuro, podemos criá-lo a partir das ações do presente.

Cumprimentos a todos que trabalharam na concretização desta obra e um aviso aos que repetem cantos de sereia sobre a educação, receios apocalípticos da inércia dos jovens ou que discursam a integração de conhecimentos sem buscar ações que os concretizem. Os textos que seguem é uma prova inequívoca que um outro mundo é possível.

Prof. Clezio Gonçalves
Dr. em Educação e Neurociências
ESEF-UFRGS

DIFERENÇA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES INSTRUTORA/ALUNO EM ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO

Andrea Pacheco
Bruna Costa
Edson Soares da Silva
Fabiane Menezes
Naia Ribeiro
Priscila Antunes
Thaiely Costa

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir a existência de manifestações de preconceito ou discriminação, por parte dos frequentadores de academias, para com instrutoras do sexo feminino, e propor uma reflexão sobre as principais razões para a existência desses preconceitos. Para a realização do estudo, é desenvolvida uma pesquisa qualitativa descritiva, aplicando-se uma entrevista semiestruturada para cinco profissionais de Educação Física que atuam como instrutoras de academias. Nas entrevistas, procura-se saber se elas já foram vítimas ou vivenciaram situações em que os usuários das academias agiram com preconceito ou de maneira discriminatória pelo fato de serem mulheres. As respostas das entrevistas são transcritas e organizadas em dados de análise, seguindo um roteiro de cinco perguntas-chave. As respostas sugerem que há indícios de discriminação de gênero no ambiente das academias de musculação, e que tais manifestações ocorrem das maneiras mais diversas. Os depoimentos indicam que a discriminação tem caráter preconceituoso, por se tratarem de valores trazidos da sociedade na qual o sujeito está inserido, tanto em relação à mulher, como em relação à projeção do corpo físico almejado. O estudo sugere, assim, que a jornada da mulher para que alcance, no campo profissional, um lugar de igualdade em relação ao homem, deve continuar.

Palavras-chave: gênero, campo profissional, mulher, educação física.

1 INTRODUÇÃO

A inserção da mulher brasileira no mundo do esporte ocorreu no século XIX, porém ganhou maior visibilidade só nas primeiras décadas do século XX, quando a sua participação foi ampliada. Durante esse período a feminilidade estava associada à construção do papel social de mulher-mãe, e as práticas corporais eram o meio para o controle desse corpo e preparação para a maternidade. Romper com essa ordem significaria a masculinização da mulher.

As contradições na história dos esportes e da educação física permanecem na atualidade através dos estereótipos de feminilidade. Ainda são observadas dificuldades em universalizar, para meninos e meninas, práticas corporais estereotipadas, como é o exemplo da dança (entre outros), vista como uma atividade mais feminina do que masculina (CAMARGO, 2010). A Educação Física, por longo tempo, buscou seus fundamentos nas teses da “naturalização” da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e atividade física para mulheres – utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigiam moderação. Desaconselhavam os exercícios com sobrecarga para as mulheres, com o argumento de que seu corpo não estava preparado para essas atividades (GOMES, 1958).

Nossa atual “cultura da transição” traz algumas dificuldades para quem trabalha na área de estudos de gênero, e quem deseja estudar o esporte como espaço de transgressão de identidades e corporalidades generificadas. Aparentemente, no esporte estaria-se trabalhando com essa “diferença mínima” da anatomia dos corpos, mas se aprofundaria em uma distinção entre sexo (biológico) e gênero (cultura e “papel social”) (BUTLER,1990). O papel cultural diferenciado na sociedade entre as mulheres e os homens também contribuiu para restringir a participação feminina em competições, diminuindo as chances de aparecimento de talentos. O desconhecimento do organismo feminino e seus limites também dificultaram a adesão feminina ao treinamento físico. O medo da masculinização do corpo decorrente do aumento de massa muscular era outro fator que restringia a participação nas atividades desportivas (OLIVEIRA, 2006). O corpo da mulher aparece como determinante de suas construções sociais referentes à maternidade e feminilidade.

Com o tempo esses tabus foram sendo eliminados, e a eficácia do treinamento físico e os benefícios para a saúde geral das mulheres têm sido comprovados em vários experimentos científicos. Cada vez mais as mulheres estão aderindo à prática de atividades físicas, sobretudo pela sua associação à qualidade de vida e bem estar. Além disso, estão tendo acesso à prática dos diferentes desportos sem qualquer restrição. Estão presentes nas modalidades clássicas e nas atividades consideradas, até bem pouco tempo, essencialmente masculinas, como o salto com vara, lançamento do martelo, musculação, além de diversas lutas.

Atualmente a busca pelo corpo perfeito, expresso pela mídia e pela sociedade, é retratada pelo corpo atlético, com musculaturas bem-definidas e baixo percentual de gordura. Essa busca faz com que um grande número de indivíduos procure academias e educadores físicos para receber orientação. O público feminino está presente cada vez mais nas academias, não só em busca da beleza, mas também de longevidade, bem-estar, manutenção de peso e definição muscular. A grande procura das mulheres às academias fez com que surgissem espaços privados só para elas, com um serviço especializado e mais específico. Destacamos as academias de ginástica exclusivamente femininas, onde se aceitam apenas mulheres como proprietárias, funcionárias e alunas (NEIVA; GOMES, COSTA, 2007).

Pensando no campo profissional da educação física, é possível perceber que a atuação da mulher vem ganhando destaque. Segundo Proni (2010), entre os profissionais de Educação Física com emprego formalizado a participação masculina ainda é maior do que a feminina, porém o mundo vem apostando em valores femininos; em alguns estados do Brasil essa diferença já vem se atenuando. Atualmente houve uma ampliação das áreas de atuação do profissional de educação física, e além da área escolar e academias, é possível trabalhar na área da saúde - em hospitais com equipes multidisciplinares, e também no lazer e no esporte profissional e amador (ANTUNES, 2010).

Mesmo com essas conquistas femininas, é importante ressaltar que ainda há desigualdade de gêneros na estrutura do mercado de trabalho, na qualidade dos empregos e na distribuição do rendimento. Ainda que em condições iguais de escolaridade, o rendimento mensal das mulheres é inferior ao dos homens (BATISTA, 2004).

Embora haja uma crescente inserção da mulher no campo profissional da educação física, inclusive minimizando preconceitos anteriormente existentes, o fato é que a total inclusão da mulher nesse campo profissional, com condições de trabalho e valorização iguais às do profissional homem, dependerá da percepção e aceitação das pessoas que demandam desses serviços, como por exemplo, os frequentadores de academias. A condição de igualdade somente existirá quando deixarem de existir os preconceitos, as preferências de escolha, ou quando os frequentadores de academias

e pessoas que buscam os benefícios da atividade física aceitarem, em iguais condições, ter um orientador, quer seja homem, quer seja mulher.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é expor a atuação da mulher profissional de educação física: como é trabalhar numa academia, considerado no passado um local de domínio masculino. Além disso, verificar se ainda hoje é possível perceber essas diferenças entre os gêneros, e as eventuais preferências por profissionais do sexo masculino.

2 METODOLOGIA

Com a aplicação desta pesquisa, buscou-se obter a percepção de algumas profissionais de educação física que trabalham como instrutoras de musculação em academias, a respeito de eventuais situações de preconceito de gênero que tenham sofrido ou presenciado. A intenção foi obter das instrutoras informações sobre se e como ocorrem as situações de preconceito de gênero, em que circunstâncias ocorrem, como elas reagem ou enfrentam estas situações no sentido de dirimi-las ou minimizá-las, e quais as consequências das mesmas.

Buscando uma maior adequação aos objetivos do estudo, foi adotado o método qualitativo descritivo, o qual tem a capacidade destacada de captar o *status* de determinado fenômeno social (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). O método qualitativo é muito usado nas ciências sociais por seu caráter de investigação sistemática para a elucidação de problemas – no caso dos problemas de pesquisa.

O intuito foi obter, através de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a algumas profissionais que atuam como instrutoras de academias, a elucidação do seguinte problema de pesquisa: existe, por parte dos frequentadores de academias, algum tipo de preconceito ou discriminação para com instrutoras do sexo feminino?

A opção por entrevistas deve-se a esse ser um método de coleta de dados no qual um entrevistador questiona pessoas para descobrir um relato em si de suas opiniões, atitudes, valores, crenças e comportamentos (TRIVIÑOS, 1987). Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro com perguntas-chave, de modo que os entrevistadores pudessem conduzir, baseados neste roteiro, as entrevistas realizadas. No entanto, o método tem naturalmente a característica de ampliar as

fronteiras dos temas discutidos, de modo que outros aspectos importantes poderiam surgir nas conversas com as entrevistadas. Em comparação aos questionários padronizados, as entrevistas têm ainda, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012) a vantagem de permitir ao entrevistador reformular e acrescentar perguntas para esclarecer as respostas, e garantir assim resultados mais válidos.

3 Descrição dos(as) Participantes – Definição da Amostragem

Pelas características da pesquisa – qualitativa descritiva – objetivou-se coletar, através das entrevistas, informações relevantes a respeito da ocorrência do preconceito de gênero para com instrutoras mulheres. Assim, optou-se por uma amostragem de cinco entrevistas semiestruturadas, com profissionais todas do sexo feminino, com formação em Educação Física e devidamente registradas pelo CREF, escolhidas por terem uma experiência de diversos anos (entre 2 e 11 anos) como instrutoras de musculação e outras modalidades praticadas em academias. Todas as profissionais entrevistadas eram instrutoras da modalidade Musculação, entre outras modalidades coordenadas pelas mesmas, e tinham como premissa estarem trabalhando nesta função atualmente. Outros critérios de definição dos participantes, como faixa etária e localização geográfica, foram considerados irrelevantes para o propósito desta pesquisa, embora casualmente todas as instrutoras entrevistadas tenham sido da cidade de Porto Alegre.

As cinco profissionais foram escolhidas de forma intencional para serem entrevistadas, pois além de se enquadrarem nos critérios explicados acima, eram acessíveis aos pesquisadores, tendo para com eles algum tipo de relacionamento profissional ou pessoal que lhes facilitasse a obtenção da entrevista. Todas as profissionais convidadas propuseram-se a contribuir com a participação voluntária, após serem informadas sobre as características do estudo.

4 Coleta e Análise dos Dados

As entrevistas foram realizadas pessoalmente com cada uma das instrutoras, tendo a duração média de vinte a trinta minutos, e aconteceram preferencialmente

nos ambientes de trabalho das profissionais – as academias. As mesmas ocorreram no período de 5 a 15 de Novembro de 2013.

Por se tratarem de entrevistas, estas foram de carácter aberto e discursivo, tendo, no entanto, um roteiro básico de perguntas, para as quais os entrevistadores deveriam procurar obter respostas. As perguntas eram as seguintes:

1. Você percebe, por parte das pessoas que buscam a academia, algum preconceito ou preferência por escolher um instrutor homem ou mulher, dependendo do objetivo desta pessoa ao frequentar a academia?
2. Em que momentos e de que forma estas situações de preconceito ou preferência dos frequentadores de academias se manifestam? Elas ocorrem apenas no início, no momento da escolha do instrutor, ou também ao longo do tempo em que a pessoa frequenta a academia? Cite exemplos de como isso pode ocorrer.
3. Você já vivenciou alguma situação (envolvendo você mesma ou alguma colega) em que houve, por parte de um aluno da academia, um pedido formal por substituir uma instrutora mulher por um instrutor homem? Como se deu esse fato?
4. No seu entendimento, o que você pensa que um aluno espera de um instrutor de academia, em termos de projeção? Em outras palavras, você acha que o aluno projeta na imagem física do instrutor ou da instrutora aquilo que ele almeja em termos de aspecto físico?
5. Além de fazer o treinamento físico de seus alunos, você também treina hipertrofia? Se a resposta for sim, por qual motivo e há quanto tempo?

As entrevistas foram captadas com gravador de voz, com a ciência e o consentimento das entrevistadas, e todas as respostas foram transcritas para uma análise de conteúdo. Na análise de conteúdo, o objetivo foi identificar as respostas das cinco profissionais para cada uma das cinco questões-chave, buscando um padrão nas respostas que pudesse atestar percepções uniformes ou predominantes sobre os pontos levantados. Por meio desses procedimentos, as informações obtidas foram transformadas em dados de análise. Para realizar as análises dos dados de cada uma das perguntas-chave, foram elencados os tópicos mais recorrentes de cada uma,

incluindo os respectivos fragmentos de alguns relatos extraídos dos discursos (BARDIN, 1977).

5 A MUSCULAÇÃO E A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO A PARTIR DO INGRESSO DA MULHER NO MERCADO DE INSTRUTORAS DE ACADEMIAS

Até o final dos anos 70 os esportes de força, como o halterofilismo e o fisiculturismo, eram condenados para as mulheres, as quais eram vistas como frágeis e vulneráveis em função de sua capacidade reprodutora. Essa ideia de fragilidade física caiu por terra quando a explosão das academias e dos exercícios resistidos (musculação) entrou na ordem do dia, como parte de um fenômeno muito mais amplo, de conquista de espaços para as mulheres em diversos campos.

Hoje, com os avanços da ciência, das ciências do esporte e, principalmente, com a história das mulheres atletas, que foi escrita à custa de muita resistência e luta, existe um número cada vez maior de mulheres que buscam uma modalidade desportiva, entre elas as lutas marciais, boxe ou musculação, para suprir seus desejos de beleza e/ou como momento de lazer. (MEIRELES, 1998, COOPER, 1989, NIEMAN, 1999, NAHAS, 2001).

A reboque deste processo vem ocorrendo um aumento constante e gradativo do número de mulheres que atuam como instrutoras de academias ou como *personal trainers*, em especial em atividades antes quase que exclusivamente praticadas e ensinadas por homens. Esse processo de desmistificação acontece juntamente com a redefinição histórica dos estereótipos masculino e feminino. A construção da feminilidade esculpida na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que vive para se embelezar, foi trabalhada pela instituição médica e jurídica com o apoio do discurso científico no final do século XIX e início do século XX: “no século XIX a bailarina, com seu delicado e frágil corpo, com sua disciplina e adestramento, tornou-se a imagem modelar sugerida para as mulheres” (ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2002, p. 44). Corpos fortes, torneados e com volume muscular aparente foram definidos como socialmente aceitáveis para os homens. A medicina desportiva, até meados dos anos 60, desaconselhava os exercícios com sobrecarga para as mulheres, com o argumento de que seu corpo não estava preparado para essas atividades. (GOMES, 1958).

No entanto, cada período histórico cria ou pode criar seu modelo de “corpo feminino” e “corpo masculino”, e a história não é um bloco homogêneo, existindo diferentes perspectivas de corpo para cada região, nação ou mesmo cultura. Assim, uma mudança radical nos modelos de corpo pode expressar mudanças sociais e culturais mais abrangentes. As mulheres que atualmente pensam em praticar musculação não devem temer a masculinização das formas, como em outros tempos o senso comum acreditava que ocorria e, em alguns casos, ainda acredita. A musculação pode satisfazer alguns anseios estéticos, através do fortalecimento dos músculos, afinal o corpo deve ser visto como uma totalidade. (NIEMAN, 1999)

O importante é que as mulheres venceram as barreiras do preconceito e hoje estão em todos os lugares, participando de campeonatos de fisiculturismo, halterofilismo e diversas modalidades de lutas que exigem força física. Desta forma, o que se tem observado é um crescente número de mulheres adeptas à musculação, e igualmente um aumento das profissionais de educação física dedicadas às práticas da musculação e outros métodos que visam a hipertrofia. Para os usuários de academias e praticantes de musculação, é normal que sejam assistidos por mulheres, coisa que até algum tempo atrás não acontecia. Conforme a tabela 3.1, cujos dados são provenientes do Ministério do Trabalho e Emprego, de 2007, já naquele momento mais de um terço dos profissionais de educação física atuantes no Brasil eram do sexo feminino.

Ilustração 1 - Tabela 3.1 – Profissionais de Educação Física por sexo – estados selecionados e total Brasil

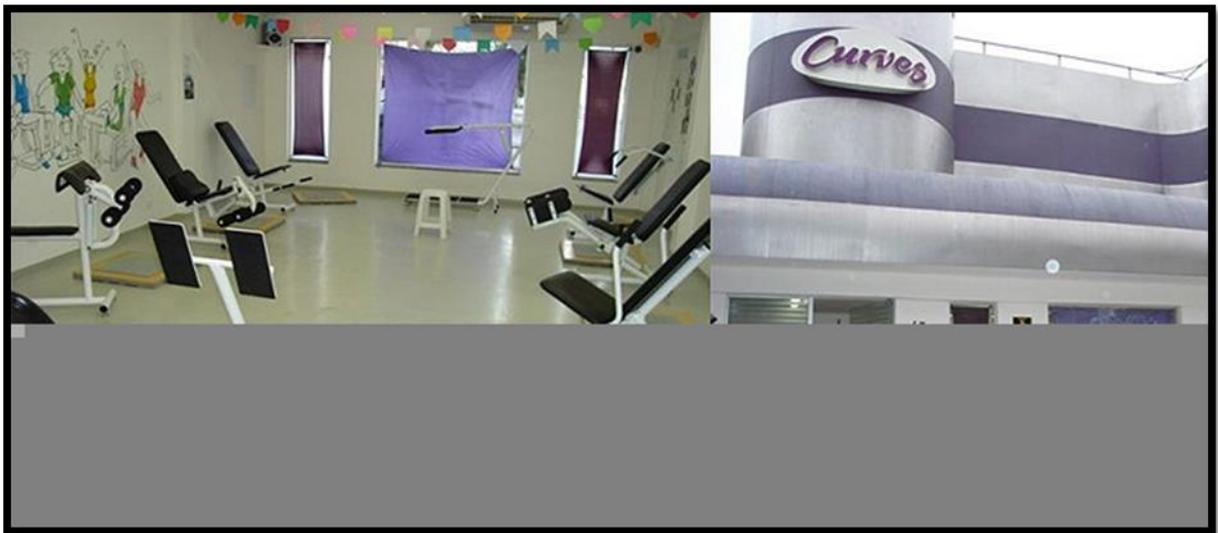
Brasil, estados (em %)
selecionados: 2007

UF	Masculino	Feminino	Total
AM	58,6	41,4	100,0
PA	59,2	40,8	100,0
CE	71,5	28,5	100,0
PE	66,1	33,9	100,0
BA	77,5	22,5	100,0
ES	69,2	30,8	100,0
MG	67,1	32,9	100,0
RJ	68,0	32,0	100,0
SP	58,9	41,1	100,0
PR	66,2	33,8	100,0
SC	62,3	37,7	100,0
RS	62,8	37,2	100,0
GO	62,8	37,2	100,0
DF	67,6	32,4	100,0
Brasil	62,9	37,1	100,0

Fonte: MTE - RAIS, 2007.

A mulher tem conquistado, ao longo da história, igualdade de acesso nos espaços públicos e privados, mas apesar de homens e mulheres estarem cada vez mais próximos da igualdade, ainda é necessário criar estratégias para facilitar o acesso para as mulheres. Algumas das estratégias se constituem pela delimitação de espaços privados, com acesso exclusivo de mulheres, como no caso de academias femininas (NEIVA; GOMES; COSTA, 2007), como podemos visualizar na imagem abaixo.

Ilustração 2 – Academia Feminina



Fonte: www.curves.com.br

A primeira academia feminina no Brasil foi aberta em 1949, e ministrava aulas aeróbicas. Nessa época as mulheres conquistaram o direito de se exercitar, pois a prática do exercício era vista, até então, como algo masculino. A inserção das mulheres nas atividades físico-desportivas aconteceu em meio a avanços e recuos; a prática de atividade física era recomendada para a mulher com restrições, evitando o envolvimento em competições.

Atualmente, as academias têm em comum o método de treinamento em circuitos- ver imagens 2 e 3- que duram trinta minutos, com atividades cardiovasculares e de fortalecimento muscular. O principal objetivo entre as mulheres que frequentam é a procura pelo corpo magro, com foco na redução de peso. Buscando uma silhueta definida, um corpo perfeito, o que reflete a influência da cultura da estética em nossa sociedade.

Ilustração 3 – Método de Treinamento em Circuitos



Fonte: www.curves.com.br

Matricular-se em uma academia e iniciar uma atividade física não é a parte mais difícil. Porém dar continuidade aos exercícios e frequentar as aulas é que se torna complicado quando não se tem determinado um forte motivo e objetivo. Nesses casos, locais como estes, exclusivos para mulheres, podem acabar ajudando. O convívio com outras mulheres com objetivos semelhantes contribui para seguir frequentando. Além disso, a possibilidade de deixar o local mais agradável e mais calmo também atrai o público feminino, fazendo com que passem seus momentos de lazer praticando alguma atividade.

Segundo estudo realizado por Marcellino (2003), os principais fatores que levam as mulheres a frequentarem esse tipo de academia, além da busca pela saúde e condicionamento físico, é a estética, relaxamento e fazer/encontrar amigos. Influências sociais da família e dos amigos, da mídia e a busca para alcançar seus objetivos, são de enorme importância para o início da prática e a continuidade dos exercícios físicos.

Sendo assim, a adoção de hábitos saudáveis pode proporcionar às mulheres melhores condições para enfrentar a atual vida cotidiana com jornada dupla de trabalho e cuidados com a casa e família. E ficou claro que os principais fatores que levam a aderência da prática de exercícios físicos, em academias exclusivamente femininas, é estarem rodeadas por pessoas com rotinas de trabalhos semelhantes, e

objetivos e assuntos do dia-dia em comum. É compreensível que o amplo universo de uma academia feminina seja muito mais que a prática de uma atividade; é um estilo de vida diferenciado.

Nas últimas décadas, a mulher brasileira avançou de forma visível rumo à equidade de gênero, mediante o acesso aos mesmos direitos e deveres do sexo oposto. Persistem, no entanto, diversas desigualdades entre os homens e as mulheres que são cidadãos brasileiros. Essas desigualdades vêm se fazendo presentes também dentro do mercado de trabalho em que a mulher luta bravamente para adquirir seu espaço, sendo este igualmente reconhecido e sem discriminações. Porém, além do mercado de trabalho, o âmbito profissional da Educação Física, mesmo se dirigindo a um campo específico, tem excluído mulheres através da cultura machista, diminuindo sua capacidade de desempenho aos olhos da sociedade.

A categoria gênero, como um dos principais elementos articuladores das relações sociais no contexto urbano, nos permite entender como os sujeitos sociais estão sendo constituídos cotidianamente por um conjunto de significados impregnados de símbolos culturais, conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas (SCOTT, 1990) que atribuem a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo, sendo essa a diferença. Perspectivas de gênero atravessadas por relações de poder que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante. Dentro desses parâmetros culturais de força, superioridade e virilidade atribuídos aos homens, as mulheres “nadam contra a maré”, dentro de uma cultura que visa o masculino como provedor e o feminino como submisso. Dentro ainda desses pensamentos, vem à tona o problema da centralidade imposta a determinados “projetos do corpo”, em que estes se obrigam a estarem inseridos na cultura contemporânea, que têm uma forte dimensão de gênero, fornecendo diversos argumentos culturais favorecentes ao entorno masculino, e que, através de alguns determinados mecanismos, agem de uma maneira particular sobre a subjetividade feminina. (ADELMAN, 2006)

O campo das práticas esportivas e corporais, em que se encontram também o contexto academia e treinamento físico, é, com certeza, um terreno extremamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações (fora e dentro de contextos favoráveis) e representações de gênero na sociedade contemporânea, um lugar

particularmente sensível para indagar os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais “andróginos”, ou talvez, avançando, embora lentamente, no sentido de certa “despadronização”. (ADELMAN, 2006)

Esta nossa atual “cultura da transição” tem suas diversas ambições e reflexões, porém traz ainda algumas dificuldades particulares, de caráter teórico, para quem trabalha na área de estudos de gênero e para quem deseja estudar o esporte, o treinamento físico e o ambiente onde estes se encontram como espaço de transgressão – e/ou de normatização – de identidades e corporalidades generificadas. Está cada vez mais complicado abordar temáticas sobre “identidades” e subjetividades na sua relação com o gênero, e os perigos de reproduzir as antigas dicotomias que homogeneizam as categorias de “homem” e “mulher” parecem enormes; especialmente num momento em que movimentos sociais e culturais ressaltam a presença de pessoas transgêneras, e as diversas formas de produzir “interrupções subversivas” nas cadeias de significação que se têm como a base discursiva da ordem de gênero fundada numa “matriz heterossexual”(ADELMAN, 2006).

No campo que se pode entender como esporte ou treinamento físico, essa marcação não se dá de forma deslocada de outras tantas regras, limitações e imposições da sociedade presentes no cotidiano dos indivíduos e seus corpos. Os gestos utilizados para representar, as musculaturas que se traduzem através de uma determinante biologia, as roupas e os acessórios que vêm a caracterizar, os suplementos alimentares, carregam consigo significados que, na nossa sociedade (limitadora e focada em gêneros) e no nosso tempo, estão também associados ao feminino e ao masculino. Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2005).

Através disso, observamos que mesmo com a conquista de melhor e maior espaço na sociedade, as mulheres, ainda submissas, não conseguem se inserir de forma satisfatória em grande parte do campo profissional da educação física, que limita mais ainda o citado sobre musculatura, que é referência e “cartão de visitas” em uma maioria das possibilidades de emprego dentro da área.

Além disso, induzem a acreditar que as características anteriormente citadas já nascem inseridas ao sexo biológico e que são elas que determinam, em grande parte,

os traços de caráter, o comportamento, as funções sociais, os espaços de pertencimento e as possibilidades de movimentação para eles e para elas. Essa associação que se denomina de determinismo biológico, perspectiva teórica que sustenta a ideia de que as “normas comportamentais compartilhadas bem como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas” (GOULD, 1999, p. 4).

No entanto, deve-se pensar nos novos limites das desigualdades de gênero, transcendendo as fronteiras da relação empregador-empregado. Em diversos segmentos de atividades, sejam comerciais ou educacionais, existe uma relação “cliente-fornecedor”, uma relação entre quem demanda e quem presta determinado serviço, e essa relação também pode ser permeada por desigualdades de gênero (QUADROS, 2004).

Revisando a literatura a respeito dessa temática, observou-se uma carência por estudos que trouxessem, em qualquer campo do mercado de trabalho e em especial no campo da educação física, a discussão sobre a discriminação de gênero na relação cliente-fornecedor. A aplicação desta pesquisa visa dar luzes, ainda que incipientes, a essa discussão.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente, as instrutoras foram questionadas sobre a percepção que elas têm no que tange aos usuários das academias, por alguma preferência apresentada por eles entre instrutores homens ou instrutoras mulheres.

Na maioria das respostas, o que se pôde captar foi uma predisposição à discriminação de gênero, trazida pelos frequentadores de uma forma mais marcante no momento em que estão iniciando as atividades na academia. Isso porque quatro das cinco instrutoras disseram perceber um certo receio dos alunos, especialmente os do sexo masculino, quando uma instrutora mulher é designada para treiná-los no início dos trabalhos, de forma mais marcante naqueles casos em que o objetivo é de hipertrofia (ganho de musculatura). Essa percepção é marcante no sentido de ilustrar a abrangência das discriminações de gênero, uma vez que elas são trazidas do ambiente

social em que os usuários de academias vivem, pela simples razão delas fazerem parte – em alguma medida – dos valores vigentes da sociedade.

Todas elas alegam, no entanto, que à medida em que o tempo passa elas se esforçam para provar suas competências técnicas e dirimir, assim, qualquer preconceito, mostrando ao aluno que o mesmo poderá atingir seus objetivos *“mesmo treinando com uma instrutora mulher”*. Ou, conforme outra instrutora: *“assim que o aluno demonstra alguma discriminação ou algo do tipo, eu como educadora física me imponho e mostro que posso ensiná-lo e treiná-lo muito bem”*.

Tais afirmações podem ser entendidas como comprobatórias de um preconceito de gênero, visto que as instrutoras não deveriam se empenhar extraordinariamente para dirimir incredulidades e o simples fato de agirem desta forma expressa a presença de predisposição discriminatória por parte dos alunos.

Quando perguntadas sobre as formas e as circunstâncias em que ocorrem as eventuais manifestações de discriminação ou preconceito de gênero, novamente grande parte das instrutoras citou como exemplo o momento da iniciação do aluno na academia, no qual observam uma preferência natural de homens treinarem com instrutores do sexo masculino, assim como mulheres treinarem com instrutoras do sexo feminino. Isso reforça a predisposição discriminatória trazida pelos alunos, da sociedade para a academia de musculação.

Um exemplo comum foi citado por duas instrutoras: situações em que alunos, intencionados a treinar para hipertrofia, escolheram determinado instrutor em substituição às instrutoras previamente designadas, alegando ser este instrutor *“mais experiente”* com treino de hipertrofia. Ambas as entrevistadas acreditam, no entanto, que a verdadeira razão pela escolha era que os instrutores homens eram notadamente musculosos, dando a impressão aos alunos de que, com a orientação deles, os resultados seriam mais satisfatórios.

Outro exemplo curioso foi o de uma aluna que solicitou a troca do instrutor por considerá-lo muito *“rude”*. *“Ele tem um aspecto rígido e todo musculoso”*. Além da questão da afinidade, que poderia muito bem explicar tal fato, pode haver também um preconceito de gênero, neste caso na direção oposta – de uma aluna mulher para com um instrutor homem. É um exemplo que, ainda que diverso dos demais, só enriquece as situações em que tal efeito se manifesta.

Em alguns casos, foi atribuído ao “*machismo*” o fato de alunos homens preferirem instrutores homens. Todos os exemplos trazidos pelas instrutoras suscitaram a discussão sobre a projeção que os praticantes fazem, em termos de corpo físico, baseados na figura dos instrutores de musculação.

A opinião das instrutoras foi unânime: os alunos sempre projetam no seu instrutor aquilo que almejam em termos de corpo físico. *“O aluno vê o instrutor como espelho”*. Ou conforme outra instrutora: *“as mulheres e inclusive os homens homossexuais pedem muitas vezes para treinar comigo. Eu acredito que eles me veem como um espelho e pensam que se eu sou capaz de ter um corpo bem definido, eu vou passar um treino que os deixará assim também”*.

Entretanto, de uma maneira geral, todas as instrutoras ponderam que, com o passar do tempo, essa projeção perde espaço para a realidade e, nesse contexto, as técnicas do exercício assumem papel de destacada importância. Assim, as instrutoras vão ganhando a confiança e criando relações de parceria com seus orientandos homens, baseadas em suas habilidades técnicas. *“No caso, esses meus alunos confiam no meu trabalho sem se importar com meu biotipo”*.

Por fim, as entrevistadas foram invocadas a revelarem se elas teriam alguma preferência por instrutores homens ou mulheres, caso fossem treinar com objetivo de hipertrofia. Surpreendentemente, três das entrevistadas admitiram, em diferentes graus, que talvez escolhessem instrutores homens e de tipo físico musculoso, caso fossem treinar para hipertrofia. *“Se não fosse educadora física eu procuraria treinar com o instrutor mais forte da academia, mas isso num primeiro momento”*. Ou conforme outra instrutora: *“Certamente se eu tivesse um objetivo mais intenso de hipertrofia, fisiculturismo, essas coisas,..., poderia até optar por um instrutor mais malhado”*.

As respostas apenas reforçam os indícios de que há preconceito de gênero no ambiente das academias de musculação, e que ele se manifesta de diferentes formas, inclusive podendo partir das próprias instrutoras em determinadas situações.

7 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou captar situações de preconceito de gênero acontecidas no ambiente de academias de musculação, ressaltando as diferenças existentes entre os gêneros. Essas situações foram comprovadas através de entrevistas aplicadas às instrutoras de academias. Buscou também, baseado nos relatos, refletir sobre as circunstâncias em que tais situações acontecem e em qual momento.

Conclui-se, com base na análise das entrevistas, que há indícios de discriminação de gênero no ambiente das academias de musculação. As manifestações ocorrem das maneiras mais diversas, elas podem partir de alunos homens, que buscam no seu instrutor o reflexo do corpo almejado, das alunas mulheres, que muitas vezes acham um instrutor do sexo masculino, por ser mais musculoso, mais experiente, ou até mesmo elas surgem de reações e opiniões das próprias instrutoras, que relatam que se as mesmas não fossem educadoras físicas elas optariam por treinar com o instrutor mais forte da academia.

Os depoimentos indicam, contudo, que a discriminação tem caráter preconceituoso, por se tratarem de valores trazidos da sociedade na qual o sujeito está inserido, tanto em relação à mulher, como em relação à projeção do corpo físico almejado. Em relação à figura da mulher, parece tratar-se de um preconceito que antecede a figura da profissional, ou seja, que vem da sociedade e da figura pré-concebida historicamente sobre a mulher, figura essa que muitas vezes está relacionada ao frágil e ao submisso. Em relação ao corpo físico, é baseada nos ideais de imagem construídos e transformados ao longo do tempo, que almeja uma mulher magra e não masculinizada. Quer-se o que, naquele contexto, é o ideal de beleza.

Assim, tanto a discriminação de gênero quanto a projeção do corpo ideal são instituições que parecem perder força, no ambiente das academias, à medida que o tempo passa. Os mitos de que as mulheres que praticam musculação ficariam masculinizadas vêm caindo por terra; estudos e um grande número de praticantes de treinos de força do sexo feminino, comprovam que a mulher só ficará musculosa se o treino for muito intenso, pois, devido à questão hormonal da mulher, que possui menos testosterona em seu organismo, a hipertrofia se torna muito mais difícil do que para os homens, e hoje em dia essa informação está cada vez mais acessível para

todos. A repetição de atividades dos instrutores (as) costuma mostrar aos usuários que as instrutoras têm igual capacitação técnica em relação aos homens, o que começa a construir relações de confiança e de eliminação das dúvidas e preconceitos. Também é reforçado ao longo do tempo, o elemento da afinidade construída entre instrutor e aluno, a qual também minimiza outras tensões pré-existentes.

O estudo sugere, assim, que a jornada da mulher para que alcance, no campo profissional, um lugar de igualdade em relação ao homem, deve continuar. Esses avanços já aconteceram e continuam acontecendo em diversas áreas profissionais, de modo que a mulher ocupa, em muitos setores, posição similar à do homem, mostrando que, também na Educação Física, está plena equiparação de condições pode ser alcançada – não somente em termos de salário e oportunidades, mas também na forma como as profissionais são percebidas por quem demanda os seus serviços.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006.

ANTUNES, Alfredo Cesar. **Mercado de trabalho e educação física**: aspectos da preparação profissional. São Paulo: UNESP, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Junéia Martins. **Mulheres e homens**: diferenciais de remuneração nos serviços públicos. São Paulo: Abril, 2004.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação anual de informações sociais (RAIS)**. Brasília-DF, 2007.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CAMARGO, Julieta Furtado. **História das mulheres nos esportes e na educação física**: mapeando produções científicas – de 2000 a 2008. Florianópolis: [s.n.], 2010.

COOPER, Kenneth H. Atividades Físicas e Doenças da Coronária. **Boletim da Federação Internacional de Educação Física**, Belo Horizonte, v. 4, n. 12, p. 39-50, 1989.

CUNHA, Fernando; STRAPASSON, Daniel Sandro. **Personal training e o mercado de trabalho**. [s.l.]: Universidade Tuiuti do Paraná, 2012.

ESTEVIÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da malhação. **Motrivivência**, Florianópolis: UFSC, ano XIII, n. 19, p. 35-52, dez. 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia v. 8, n. 1, 85-100, jan./jun. 2005.

GOMES Jr. Guilherme S. **Medicina desportiva**. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1958.

GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Gênero e trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004.

LESSA, Patrícia OSHITA; Tais Akemi Dellai; VALEZZI, Mônica. Quando as mulheres invadem as salas de musculação: aspectos biossociais da musculação e da nutrição para mulheres. **Iniciação Científica CESUMAR**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 109-117, jul./dez. 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Academias de Ginástica como Opção de Lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 49-54, jun. 2003.

MEIRELES, Morgana E. A. **Atividade física na 3ª idade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 2. ed. Londrina: Mideograf, 2001.

NEIVA, Gabriela; GOMES, Euza Maria; COSTA, Juliana Santos. **Academias de ginástica só para mulheres**: inovação ou tradição? Rio de Janeiro: [s.l.], 2007.

NIEMAN, David. Exercício e saúde. Rio de Janeiro: Manole, 1999.

OLIVEIRA, Fátima Padilha. Inserção da mulher no ambiente desportivo. **Revista Eletrônica de Educação Física e Desporto**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jun. 2006.

PROBST, Elisiana. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Florianópolis: ICPG, 2005.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, jul. 2010.

QUADROS, Waldir. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Tradução de SOS: Corpo e Cidadania. Recife: [s.n.], 1990.

SILVA, Isis. **Pensando na felicidade feminina:** busca das razões práticas nas professoras de educação física Recife-PE. Recife: UFPE, 2009.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. **Métodos de pesquisa em atividade física.** São Paulo: Artmed, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175p.

A IMAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA MÍDIA ATUAL

Bruno Nogueira Schlemper

Marcelo Batista da Costa

Pablo Soares Macedo Lopes

Raphael da Costa Pereira

Renata Thober Pires

Wilian Antiqueira da Luz

RESUMO

A Educação Física surgiu da necessidade de um profissional que possa esclarecer e orientar no sentido de proporcionar o movimento de maneira harmônica e sem agressividade ao corpo, a fim de que gere um resultado satisfatório com um bom condicionamento físico e sem lesões. As práticas da educação física bem como a maioria das competições esportivas, até pouco tempo atrás, não tinham grande espaço na divulgação pela mídia. Porém, nos últimos anos, esse assunto, aliado à reeducação alimentar à saúde do corpo, vêm crescendo muito. Com isso, existe uma mudança de estilo de vida da população, que antes era amparada pela tecnologia avançada e pelo conforto sedentário, e hoje está sendo caracterizada pela adoção de hábitos mais saudáveis. Posto isso, o trabalho tem como objetivo discorrer sobre a imagem da Educação Física na mídia. O presente estudo mostrou que a Educação Física é uma profissão desvalorizada por muitos, principalmente a mídia que insiste em mostrar que qualquer pessoa poderia fazer o que o profissional de educação física faz. Que esse profissional não é nada além de um corpo bonito. Não tem conteúdo intelectual, não sabe ensinar devidamente. Mas muitos esquecem que é importante se ter uma orientação adequada na hora de praticar algum exercício. E não é somente um corpo bonito que fará isso, e sim alguém preparado, alguém que saiba orientar, alguém que tenha conteúdo intelectual. Essa visão vem sendo mudado atualmente, tentando fazer com que a sociedade entenda a importância desses profissionais.

Palavras – chave: Educação Física, profissional, mídia;

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física surgiu da necessidade de um profissional que possa esclarecer e orientar no sentido de proporcionar o movimento de maneira harmônica e sem agressividade ao corpo, a fim de que gere um resultado satisfatório com um bom condicionamento físico e sem lesões. O autor Marcos Pereira Noveis a define como “o processo educacional das condutas motoras, através das atividades físicas que envolvem jogos, esportes, recreação, e tudo que de maneira geral esteja presente na cultura corporal do movimento”.

Através de diversas pesquisas realizadas recentemente, constatou-se que o movimento do corpo é muito importante para a manutenção da saúde, podendo até evitar doenças e retardar o envelhecimento dos tecidos (fonte: USDA – United States Department of Agriculture e NIH – National Institute of health). Com isso, adotar a prática de atividades físicas no dia-a-dia vem sendo cada vez mais enfatizada pelos profissionais da área, e realizar os exercícios corretamente e orientados por uma pessoa especializada faz parte de conseguir alcançar resultados eficientes.

As práticas da educação física bem como a maioria das competições esportivas, até pouco tempo atrás, não tinham grande espaço na divulgação pela mídia. Porém, nos últimos anos, esse assunto, aliado à reeducação alimentar à saúde do corpo, vêm crescendo muito. Com isso, existe uma mudança de estilo de vida da população, que antes era amparada pela tecnologia avançada e pelo conforto sedentário, e hoje está sendo caracterizada pela adoção de hábitos mais saudáveis.

2 INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A mídia exerce uma presença muito marcante na modernidade, envolvendo-se em todos os assuntos do cotidiano. Assim, não é diferente com a Educação Física, em que ela participa ativamente, com programações envolvendo o assunto e transmissões dos esportes. Porém, existe um questionamento sobre se os interesses financeiros prevalecem em detrimento da divulgação e expansão dos esportes.

Existem opiniões divididas a respeito do papel que a mídia exerce na comunicação e transmissão dos fatos relacionados à educação física. De um lado, uma visão de que a mídia contribui para a expansão do gosto pelas atividades esportivas e que incentiva essas práticas. De outro, existe uma discussão a respeito de a mídia

exercer um controle de um espetáculo tão glamoroso e tecnológico que as pessoas se acomodam em somente assistir, deixando de querer praticar. Neste viés, a visão das emissoras é essencialmente financeira e promotora de marcas. Um exemplo disso é o esporte MMA, que até pouco tempo não era muito conhecido e que, com o aumento das transmissões e com o investimento das emissoras, passou a ser amplamente divulgado.

3 MÍDIA

Os profissionais de Educação Física que trabalham com o ensino veem negligenciando a forte influência que a mídia atualmente pode exercer no educando por meio de diversos modismos. Atualmente os esportes foram transformados em grandes espetáculos, em grandes marcas; e os atletas, em estrelas com alto potencial para o “marketing” e “merchandising” esportivo. As empresas procuram atletas bem-sucedidos para fazerem referência em suas propagandas, objetivando seduzir seus clientes que simpatizam com o atleta de determinado esporte, é por isso que as pessoas associam os ídolos a determinadas marcas e então consomem certos produtos não por sua qualidade, mas, sim, pela falsa impressão de que ela é fundamental para o sucesso do profissional que admiram. Uma vez uma bicicleta aparelhada com todos os equipamentos necessários para a realização de manobras foi vendida por uma empresa, a propaganda mostrava um atleta profissional fazendo várias manobras com muita facilidade, milhares de bicicletas foram vendidas, mas as crianças que compraram acabaram se frustrando, pensaram que para realizar as manobras bastava ter a bicicleta sem se dar conta que na verdade, era muito grande, ao contrário do que enfatizavam na propaganda. Outro exemplo foi o “marketing” criado em torno do jogador Ronaldo fenômeno, cuja alcunha não se refere somente ao campo, mas à sua capacidade em aumentar as vendas do produto que anuncia.

Além dos esportes, a concepção de estética é construída com base nos meios de comunicação. As personalidades de programas como novelas, jornais e etc, mostram um perfil que não se adéqua ao da nossa população. As pessoas exibidas neste meio são magras, altas e belas e a estatura média dos atores de novela é 1,88 m para homens e 1,76 m para mulheres, enquanto a média da população brasileira não

ultrapassa 1,70 m e 1,60 m respectivamente. O contraste grande afeta diretamente a relação que o aluno tem com o próprio corpo. Por exemplo, meninos que praticam voleibol e que, aos 15 anos de idade, mesmo com 1,80 m, são rejeitados nos testes em grandes clubes brasileiros porque a altura mínima exigida é de 1,85 m. Esses jovens passam a se considerar baixos, apesar de se encontrarem muito acima da média da população.

O professor de Educação Física não deve ignorar a influência que a mídia exerce sobre os alunos. A melhor forma de trabalhar isto é conduzir o aluno através da conversa, a entender que a mídia lança modismos que nem sempre devem ser incorporados e que a concepção de estética deve ser baseada na autoestima, que o conceito de beleza depende mais si próprio e da aceitação de si mesmo, do que os padrões definidos pela mídia.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA, O ESPORTE E A MÍDIA

A maneira em que era visto o esporte pelo público foi mudando com o passar das épocas. O esporte, que já foi visto como maneira de lazer, de poder e de realização social, hoje se rende a uma sociedade mercadológica que tem em vistas apenas o lucro diante de patrocínios e do amor ao esporte.

A associação entre o esporte e a mídia, em especial a televisão, vem alterando progressiva e rapidamente a prática do esporte e a percepção que dele temos. Trabalhando com a lógica da espetacularidade, a televisão fragmenta e descontextualiza o fenômeno esportivo, construindo uma realidade textual autônoma: o esporte telespetáculo (BETTI, 1997).

Não há atualmente como pensar em esporte e não pensar em mídia e sua infinidade de possibilidades informacionais. A modernidade nos permite, estando dentro de nossa própria casa, assistir o campeonato de futebol mineiro, assim como analisar e criticar a terceira divisão do acre.

O elemento chave nessa transformação midiática e espetacularidade do esporte está na figura do espectador. Este indivíduo, está disposto a pagar para assistir a prática esportiva, assim financiando o sistema comercial do esporte.

Os primeiros espectadores surgiram na Inglaterra do século XIX, no bojo do processo social que viria a originar a moderna forma do esporte; eram apostadores nas lutas de boxe e corridas de rua que se realizavam em Londres¹⁰. O início do século seguinte substituiu o espectador-apostador pelo espectador torcedor, fiel a uma das partes em disputa; mas ainda tratava-se, basicamente, do espectador corporalmente presente, nos estádios e ginásios. (BETTI, 1997).

Foi a partir da década de 1960, com a proliferação das transmissões ao vivo dos eventos esportivos, que apareceu a nova figura proeminente do esporte, o telespectador. O esporte tornou-se um espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram uma forma de se entreterem excitantemente, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isto o papel desempenhado pela mídia, especialmente a televisão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, que a mídia pode ser tanto uma influencia positiva quanto uma influencia negativa para a educação física.

Ao tratar a educação física meramente como uma reprodutora das atividades físicas/esportes transmitidas e divulgadas pela grande mídia, causando confusão entre os futuros praticantes, já que ao serem atingidos por milhares de informações desencontradas e por que não, com interesses diferentes, ficam, esses praticantes, sem saber exatamente o que é que eles objetivam, quem eles devem procurar e aonde ir atrás daquilo que necessitam.

A atividade praticada por aquele que visa um lucro financeiro, será e deve ser diferente daquele que busca uma melhora na sua saúde. O lado profissão e o lado do lazer devem ser separados sempre. E é aí que está a confusão, pois a mídia falha em não separar essas duas nuances, jogando tudo no liquidificador e vendendo, por exemplo, o atleta de alto rendimento como um exemplo a ser seguido de saúde, o que sabemos que não é nem de perto a realidade daqueles que destroem os seus corpos em busca da quebra de um recorde, de poder competir toda quarta e domingo, e etc.. Exemplos não faltam para isso.

Então, para mudar essa situação, é necessário uma reeducação do significado que o praticante dá para as praticas corporais. Desde o âmbito profissional, ao

amador, ao lazer. E isso começaria pela mídia, como a televisão, jornais, revistas, etc, não mais vendendo o seu “peixe” as custas do conhecimento equivocado absorvido pelo futuro aluno do profissional de educação física.

O presente estudo mostrou que a Educação Física é uma profissão desvalorizada por muitos, principalmente a mídia que insiste em mostrar que qualquer pessoa poderia fazer o que o profissional de educação física faz. Que esse profissional não é nada além de um corpo bonito. Não tem conteúdo intelectual, não sabe ensinar devidamente. Mas muitos esquecem que é importante se ter uma orientação adequada na hora de praticar algum exercício. E não é somente um corpo bonito que fará isso, e sim alguém preparado, alguém que saiba orientar, alguém que tenha conteúdo intelectual. Essa visão vem sendo mudado atualmente, tentando fazer com que a sociedade entenda a importância desses profissionais.

REFERÊNCIAS

NOVAIS, Marcos Pereira. A educação física e mídia esportiva. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 1, jan./dez. 2010.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BACHARELADO E LICENCIATURA NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Guaspar Guantimozin

Leandro Coconcelli

Gabriel Miraflores

Mario Augusto

Franco Mendonça

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo o debate sobre a possibilidade e importância de termos um único currículo abrangendo uma área ampla no campo de atuação, também questionando a relevância de ter o conhecimento geral em qualquer que seja o campo de atuação profissional, através da revisão de artigos e publicações pré-selecionados sobre a divisão curricular do curso de Educação Física obtivemos dados e opiniões para analisar e entender as mudanças decorrentes de leis e diretrizes voltadas para a Educação Física. Assim podemos entender como se deram estas modificações e como influenciaram na atuação profissional dos profissionais de Educação Física.

Palavras-Chave: Educação Física; atuação profissional; bacharelado; licenciatura

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo no campo da Educação Física vem se discutindo sobre a divisão do currículo em licenciatura e bacharelado, que aconteceu em 1987 de acordo com as DCN's (Diretrizes Curriculares Nacionais). Com isso, os campos de atuação de cada formação foram separados e limitados de acordo com as disciplinas curriculares de graduação.

O tempo de formação na área de formação "completa" aumentou, uma vez que para atuar em todos os segmentos do campo profissional, o profissional deverá ter duas formações. O bacharelado tendo uma ênfase maior nas ciências biológicas. No entanto o Educador Físico licenciado tem seu currículo voltado para o 1º e 2º graus da Educação Básica, enfatizando o lado pedagógico. Cada uma possuindo uma maneira própria de intervenção profissional.

Em março de 1987 aconteceu a reestruturação da graduação em Educação Física, até este ano só será possível ser licenciado e como complemento ser técnico desportivo, a mudança aconteceu devido a necessidade da sociedade brasileira, criando então a licenciatura e o bacharelado.

O curso de bacharel em Educação Física nasceu da crítica de que o curso era voltado exclusivamente para a escola, com isso se deu a necessidade de aprofundamento de conhecimentos específicos para área não-escolar. Outro dos motivos que fortaleceram a divisão é que o curso atraía também alunos que não tinham interesse pela área escolar, com isso surge a reestruturação dos cursos de Educação Física através das Diretrizes Curriculares Nacionais, alegando que a licenciatura não atendia mais as necessidades da sociedade brasileira, juntando-se a isto o fato de que os demais cursos de licenciatura tinham seus respectivos cursos de bacharéis como exemplo: física, biologia, química entre outros.

2 LICENCIATURA E BACHARELADO

Em 1996, a lei de diretrizes e bases aprova o processo de reformulação das DCN's que dividem o curso de Educação Física em licenciatura e bacharelado, sendo que em 2004 o bacharelado passa a se chamar graduado, em publicação do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) nos diz o seguinte,

Não se desconhece que o uso do termo graduação em substituição ao termo bacharelado tem gerado inúmeras confusões no meio universitário e suscitado apreensão entre outros futuros profissionais. Ao optar pelo uso da terminologia graduação, O Conselho Nacional de Educação (CNE) seguiu encaminhamento contrário ao do CONFEF e de outros formadores de opinião envolvidos na discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação em Educação Física. É inegável que o CONFEF não pode se insurgir contra a legislação vigente no país. Importa salientar que o CONFEF e a profissão Educação Física tem que conviver , oficialmente, com essa imposição. Entretanto, para facilitar a compreensão geral é melhor orientar as pessoas e entidades que tem solicitado esclarecimentos a este órgão, o Conselho Federal utilizará a designação de bacharelado em referência ao termo graduação m instituído pelo CNE. Esse procedimento faz-se necessário, pois o senso comum e os poderes legislativos, executivos e judiciários entendem o significado do termo bacharel, Além disso, graduação refere-se a toda e qualquer formação em nível superior. (STEINHILBER,2006)

Segundo Scherer (2005) os profissionais de Educação Física serão aqueles oriundos dos cursos de graduação que os caracterizarão também: 1) por uma formação específica; 2) por deterem conhecimento próprio, não necessariamente voltado para a educação, mas especialmente voltado para a saúde e para a qualidade de vida; 3) por uma intervenção que necessariamente não terá um aprofundamento pedagógico; 4) por uma pequena autonomia que se restringirá aos padrões estabelecidos no CONFEF dentro do Código de Ética; 5) por uma intervenção diversificada (menos no ensino formal); 6) por uma relação autônoma e empreendedora que não caracteriza o emprego formal.

O mercado de trabalho para o profissional de Educação Física com o curso de bacharel cresceu muito nos últimos anos, um dos motivos a que se deve isto é a valorização cultural do corpo na sua parte estética.

Nos últimos anos houve o “bum” das academias de ginástica e musculação, diante dessa nova demanda tornou-se necessária a formação de novos profissionais. Outra área que vem em expansão é a área da saúde, as pesquisas científicas a respeito dos exercícios nos mostram o quão importante a atividade física é para o nosso corpo, sabe-se atualmente que conceito de saúde vai muito além do que a ausência de doenças, trata-se de uma qualidade de vida por completo atuando no meio biopsicossocial.

Algumas áreas que o profissional pode atuar são: academias, espaços de lazer, empresas que criam programas de qualidade de vida para os funcionários, em clínicas e hospitais, que contratam o educador físico para tratar do condicionamento físico dos pacientes e recuperação podem atuar também em hotéis, *resorts* e *spas* que demandam o profissional para dar aulas e atuar na recreação, ainda em locais mais tradicionais como o trabalho como *personal trainer*.

Para Oliveira (1988), o mercado de trabalho é um aspecto bastante relevante na definição da formação profissional. O autor coloca que entre os diversos espaços de atuação em Educação Física muitos ainda veem se constituindo como as instituições carcerárias, hospitais, institutos geriátricos, academias de dança, acampamentos, academias de ginástica, escolas de natação, escolas de judô, clubes sociais, esportivos e/ou recreativos, condomínios, laboratórios de pesquisa, centros comunitários, empresas, hotéis e institutos de reabilitação. Pellegrini (1988) aponta a possibilidade

de trabalho com indivíduos com deficiência mental, deficiência visual, pré-escola, recreação para terceira idade, equipes infantis, ginástica de academia, yoga ou judô. A partir daí, a autora questiona as condições do profissional trabalhar com essa infinidade de atividades e campos de trabalho. Tais atividades e públicos configuram um oferecimento para a população de grande quantidade de práticas corporais e novos bens relacionados (tênis, roupas, materiais esportivos, aparelhos de ginástica, alimentos em pó, vitaminas, energéticos), formando um grande mercado de produtos e serviços (SADI, 2002).

Apesar de todo esse crescimento, um dos pontos negativos de atuar na área do bacharelado em Educação Física em comparação com a do licenciado é a de que quem atua na área não escolar “a maior fatia” se destina ao trabalho informal, o profissional se depara com atividades sem direitos trabalhistas tendo que muitas vezes acumular diversos empregos simultâneos.

Em relação ao currículo antigo, podemos reforçar a ideia de que até o ano de 1987, a Educação Física era composta apenas pela licenciatura, mas a partir desta data, a resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação determinou a reestruturação dos cursos de Educação Física em licenciatura e bacharelado, pois somente com a formação de professores (licenciatura) como opção, as necessidades dos profissionais e do mercado de trabalho não eram atendidas.

Até pouco tempo atrás os licenciados enfrentavam dificuldades para definir o seu espaço próprio junto à sociedade, no entanto, hoje em dia com uma maior organização das forças sociais, a necessidade de definir um espaço próprio para os educadores físicos é cada vez mais percebida. A Educação Física, no decorrer da sua história, sempre foi susceptível a muitas influências externas, o que acabou por lhe conceder algumas características estranhas a sua natureza, com a medicina e a pedagogia lhe dando o seu conteúdo e objetivos, e com as influências militares bastante presentes, a Educação Física acaba ficando sem um conteúdo próprio.

Primeiramente, o curso não tendia a diferenciar a natureza da atividade do professor de 1º e 2º graus das atividades hoje concebidas ao bacharelado, como o trabalho em academias e clubes, fazendo com que houvesse uma confusão entre o professor do 1º e 2º graus com as atividades exercidas pelo técnico esportivo de equipes de competição.

Historicamente, o educador físico é conhecido como “professor” visto a existência apenas da licenciatura como opção de curso, e muito comumente a palavra “educador” era usada para caracterizar o profissional, mas não em seu sentido completo, e sim como uma espécie de rótulo para justificar seus objetivos, sendo que a ideia de competência profissional, conhecimento científico especializado, organização e altruísmo não eram enfatizados na formação profissional.

O curso antigamente enfatizava o ensino e a técnica, predominantemente práticos, o que acabou por causar um atraso no seu desenvolvimento acadêmico. Já hoje em dia, o conhecimento exigido do profissional de Educação Física foi radicalmente transformado, com disciplinas focadas na sistemática científica da aquisição e consequências da *performance* motora, ou Ciência da Motricidade Humana. Este conhecimento que deve sustentar a prática profissional, tanto na área escolar quanto na área não escolar.

Ilustração 1 - Graduação em Educação Física (Licenciatura- Bacharelado) UNESP – Rio Claro

Formação Geral Mínimo 80%	Aprofundamento de conhecimentos máximos 20%
Conhecimento filosófico - 7%	Atender o interesse do aluno, criticar e projetar o
Conhecimento da sociedade – 7%	mercado de trabalho
Conhecimento do Ser Humano – 26%	
Conhecimento Técnico – 60%	

Fonte: UNESP – Rio Claro

Conforme diretrizes do CFE, o currículo tem duas partes: Formação geral em bases científicas, considerando os aspectos Técnicos e Humanísticos (conhecimento filosófico, conhecimento do ser humano, conhecimento da sociedade), e aprofundamento de conhecimentos que devem atender aos interesses dos alunos, criticar e projetar o mercado de trabalho, e refletir as condições da instituição.

Entende-se que tanto o bacharel quanto o licenciado, do ponto de vista profissional, utilizam o movimento humano como instrumento de atuação, necessitando ambos a dominar o conjunto de diferenciação que ocorre no que diz respeito aos conhecimentos necessários à ação profissional. O perfil do profissional desejado e a delimitação do campo profissional caracteriza cada programa, ao mesmo tempo em que se reconhece a motricidade humana como pelo elo entre os mesmos.

Com a licenciatura voltada para uma preparação do profissional para o ensino do 1º e 2º graus, é enfatizada a motricidade humana aplicada ao fenômeno educativo, possuindo uma visão da função social da escola. O profissional deve ainda ser capaz de elaborar, executar e avaliar os programas adequados aos seus alunos, o que exige um profundo conhecimento da criança e do jovem, das necessidades e interesses da atividade motora nos seus devidos contextos social.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a partir do ano de 2013, o currículo estrutura-se da seguinte forma: todos os alunos ingressam no curso pela licenciatura, com duração mínima de quatro anos, podendo optar pela permanência no curso de bacharelado ao concluir 75% da licenciatura, que se iniciará logo após a conclusão da mesma, com duração mínima de mais um ano, recebendo assim, após os cinco anos de estudo, o diploma de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. A UFRGS trabalha de acordo com as normas impostas pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF), que são responsáveis pela habilitação profissional e que possuem uma resolução para cada um dos cursos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos artigos analisados e com bases nos nossos conhecimentos empíricos, como estudantes de Educação Física, entendemos que a licenciatura ampliada proporciona um maior leque de oportunidades para o profissional de Educação Física, além de uma maior gama de conhecimentos, tanto das ciências biológicas, quanto das humanas. Outro ponto positivo é a formação continuada dos professores, que possibilita um maior aprofundamento de conhecimentos. Porém a licenciatura ampla, permite o egresso de estudantes sem a devida vocação para a área escolar, enxergando a licenciatura apenas como uma “área de escape”, como uma possível estabilidade financeira, fazendo com que o nível da educação caia.

REFERENCIAS

BARROS, José Maria de Camargo. Educação Física na UNESP de Rio Claro: bacharelado e licenciatura. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 71-80, jun. 1995.

FELÍCIO, Breno F. Em busca dos fundamentos da proposta de Bacharelado em Educação Física: das justificativas teóricas do curso à atividade profissional na área. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. **Anais...** Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/184.pdf>>.

PELLEGRINI, A.M. "A Formação Profissional em Educação Física". In PASSOS, Solange C.E. (org.) - **Educação Física e Esportes na Universidade Brasília**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto, 1988.

SADI, Renato Sampaio. **Educação física e mercado de trabalho**: crítica ao sistema Confef/Cref. Goiânia, 2002.

SCHERER, Alexandre. Educação Física e os mercados de trabalho no Brasil: quem somos, onde estamos e para onde vamos? In: FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos (Org.). **Formação profissional em educação física e mundo do trabalho**. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005. p. 31-45.

STEINHILBER, Jorge. **Lienciatura e/ou Bacharelado**, opções de graduação para intervenção profissional. 2006. Disponível em: <www.confef.org.br>.

EDUCAÇÃO FÍSICA E MERCADO DE TRABALHO: UM PANORAMA DAS CONDIÇÕES SALARIAIS

Carlos Rafael Soares Mota
Eliana Ribeiro de Freitas
Gabriel Oliveira Barboza
Gustavo Henrique Ribas Bernardi
Ian Massumi Carneiro Ogawa
Lucas Fernando Pereira dos Santos
Rodrigo Rabello da Silva
Wylliam Alexander Chaves

Resumo

O presente artigo visa apresentar um panorama do campo profissional e das condições salariais na área da Educação Física, com ênfase nas grandes cidades da região metropolitana de Porto Alegre. Devido a dificuldades oriundas da grande fragmentação do setor, são priorizadas determinadas funções nas respectivas subáreas de atuação: educação, saúde, esporte e lazer – apresentando questões relevantes e debates contemporâneos de cada uma delas.

Palavras-chave: Educação Física. Mercado de Trabalho. Condições Salariais. Educação. Saúde. Lazer. Esporte.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar um panorama das condições salariais do educador físico, sobretudo nas principais cidades da região metropolitana de Porto Alegre. Como questão norteadora da pesquisa, buscou-se detectar se a aparente valorização da atividade física e, por consequência, da Educação Física, reflete-se na questão salarial dos profissionais da área. É importante ressaltar a grande dificuldade de se apresentarem números exatos, ou reais, já que o campo de atuação do educador físico é amplo e fragmentado em subáreas. Nesse sentido, este texto será dividido nas quatro relações: Educação Física e Educação; Educação Física e Saúde; Educação Física e Esporte; e Educação Física e Lazer. Para abordar a temática da educação utilizaremos como principais fontes de dados os últimos editais de contratação de professores para a rede pública – nos âmbitos estadual e municipal. Da mesma forma, utilizaremos editais públicos de contratação para analisar as áreas do lazer e da saúde – neste último, analisando também a inclusão da Educação Física no Sistema Único de Saúde

(SUS). No lazer, será tratada a expansão da função do recreacionista – inclusive no setor público. Para analisar as relações de trabalho no campo esportivo, mencionaremos a função do treinador de futebol, que é, possivelmente, o teto máximo de remuneração que um profissional de educação física pode alcançar.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO

O campo de atuação em que o profissional de Educação Física tem um maior reconhecimento é, indubitavelmente, na área da educação. Até meados dos anos 80 o curso de Educação Física formava profissionais quase que exclusivamente para que estes trabalhassem em escolas, tanto da rede pública quanto da rede privada. Mesmo com a permissão da implantação do curso de bacharelado em universidades em 1987, a área da educação segue como um dos caminhos mais procurados pelos graduados, embora outras áreas também tenham atraído diversos profissionais. Mas, como dito anteriormente, dissertaremos sobre os profissionais que atuam em escolas da rede pública do Rio Grande do Sul.

Para esclarecer a relação da remuneração dos profissionais que escolheram trabalhar, e conseguiram vagas, em escolas estaduais de ensino médio de Porto Alegre, com a remuneração das outras capitais brasileiras nas últimas duas décadas, podemos apresentar os seguintes dados:

Ilustração 1 - Salários nominais dos professores do ensino médio entre os anos de 1996 e 2008. Números divulgados no artigo “Remuneração de professores no Brasil: um olhar a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)”



Fonte: Fernandez (2012);

É preciso ressaltar que a pesquisa considerou as capitais e não o estado como um todo. Apesar disso, os números apresentados correspondem a todas as escolas estaduais de ensino médio do Rio Grande do Sul, pois Porto Alegre não possui nenhuma escola municipal que ofereça ensino de nível médio e a pesquisa considerou qualquer escola localizada no território porto-alegrense – com a exceção das escolas federais.

Podemos observar no gráfico acima que a média salarial do professor atuando em Porto Alegre fica quase sempre abaixo da média do Brasil como um todo. A exceção foi no ano de 1997, em que a remuneração nominal de Porto Alegre ficou cerca de dois salários mínimos da época (R\$ 120,00) acima da média brasileira; a do professor da capital do Rio Grande do Sul ficou em R\$ 1.040,00 – R\$ 264,00 maior do que a média brasileira do mesmo período (R\$ 776,00).

A maior discrepância apresentada foi constatada no último ano do período analisado. Em 2008 o professor de Porto Alegre ganhava R\$ 1202,00 mensais, enquanto a média das capitais brasileiras foi calculada em R\$ 1.772,00, uma diferença de R\$ 570,00, maior do que o salário mínimo da época (R\$ 415,00).

É importante ressaltar que a capital gaúcha não ficou na primeira posição do ranking das cidades que pagam melhor aos seus professores em nenhum dos anos observados na pesquisa, ficando atrás de cidades como Maceió, Rio Branco e Aracaju

em diversas ocasiões. Além disso, no ano de 1998, Porto Alegre ficou com a quarta pior posição geral; no ano seguinte ganhou uma posição e ficou com a quinta pior posição; nos anos de 2006 e 2007 ficou com o segundo lugar neste ranking negativo, pagando seus professores melhor apenas do que a cidade de Cuiabá (MT); já no ano de 2008 a capital gaúcha perdeu mais uma posição e ficou classificada como a capital que paga menos aos seus professores do ensino médio.

Em edital divulgado em 06 de fevereiro de 2013, pela Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS), o estado abriu vagas para magistério, sendo algumas delas destinadas exclusivamente a candidatos que obtenham licenciatura plena em Educação Física. Os aprovados nesse edital receberão salário entre R\$ 903,76 e R\$ 1465,56 por 20 horas semanais, dependendo de sua qualificação. O licenciado em início de carreira receberá R\$ 903,76 enquanto o licenciado em final de carreira receberá R\$ 1355,64. Quem tiver mestrado ou doutorado em início de carreira receberá R\$ 977,04 e o mestre ou doutor que estiver em fim de carreira receberá R\$ 1465,56. Vale ressaltar que esses são os valores básicos que podem receber acréscimo de valor em algumas situações listadas no quadro abaixo:

Ilustração 2 - Valores que podem ser adicionados ao salário básico do professor

Unidocência	R\$ 244,26
Classe Especial	R\$ 244,26
Triênios	Até 50% do vencimento básico do professor
Gratificação de Função	Percentual varia de acordo com a função
Gratificação de Permanência	80% do vencimento básico + 50% do básico do professor
Auxílio Alimentação	R\$ 155,32
Auxílio Transporte	Equivalente a 2 passagens municipais por dia útil

Fonte: Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul;

Qualificando-se para receber o auxílio de unidocência o profissional que trabalha com apenas uma turma; o auxílio de Classe Especial o profissional que trabalha com turmas de portadores de necessidades especiais; o Triênio consiste em um aumento percentual do salário básico do professor; a Gratificação de Função é quando o profissional é eleito para um cargo administrativo na escola, usualmente diretor ou vice-diretor; a Gratificação de Permanência é recebida pelo profissional quando este tem a possibilidade de se aposentar, mas escolhe permanecer no ensino

público; o Auxílio Alimentação e o Auxílio Transporte são recebidos por todos os professores estaduais.

Agora que construímos um panorama da condição salarial do profissional de Educação Física no nível estadual, tentaremos fazer o mesmo no nível municipal com algumas cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, as cidades que abordaremos neste artigo são: Porto Alegre, Gravataí, Cachoeirinha, Canoas, Alvorada, Viamão e Guaíba. Vale lembrar que os editais que escolhemos como método de pesquisa não são realizados anualmente, assim alguns dados que apresentaremos são de anos anteriores.

Porto Alegre

O edital do concurso público para o provimento do cargo de professor na cidade de Porto Alegre foi lançado no dia 06 de novembro de 2013, e destina duas vagas a professores de Educação Física. Os licenciados aprovados no concurso receberão o salário de R\$ 1802,10, cerca de 2,65 salários mínimos no momento do lançamento do edital, por 20 horas semanais; e pessoas com especialização, mestrado ou doutorado receberão R\$ 2116,00, também por 20 horas semanais.

Gravataí

O último concurso para ser professor do ensino fundamental na rede municipal de Gravataí foi realizado em 2008, e ofereceu cinco vagas para os licenciados em Educação Física. Os aprovados neste concurso recebem R\$ 983,34, cerca de 2,36 salários mínimos no ano do lançamento do edital, por 20 horas semanais.

Cachoeirinha

Em 2008 foi realizado o último concurso que ofereceu vagas para professor de Educação Física. Por meio deste concurso a prefeitura de Cachoeirinha contratou seis profissionais para trabalhar 20 horas semanais, ganhando R\$ 858,50 mensais, cerca de 2,06 salários mínimos no ano do lançamento do edital. Vale acrescentar que em 2012 foi realizado um concurso que ofereceu vagas para graduados em Educação Física, a vaga disponível era de Monitor de Educação Física cujas funções são mais ligadas à área de nutrição e esporte. Os aprovados neste concurso ganham R\$ 1.968,18 mensais por 20 horas semanais, mais do que o dobro de um professor.

Canoas

O último concurso realizado em Canoas que ofereceu vaga para o educador físico foi realizado em 2006, este concurso disponibilizou 14 vagas para professores de Educação Física. Estes professores ganham um salário de R\$ 560,26, cerca de 1,60 salários mínimos no ano do lançamento do edital, por 20 horas semanais de serviço.

Alvorada

O último edital que ofereceu vagas para graduado em Educação Física na cidade de Alvorada foi divulgado em 2009, e ofereceu sete vagas imediatas e trinta e cinco vagas reserva para trabalhar com alunos das séries finais do ensino fundamental. Os professores que foram aprovados e assumiram suas vagas recebem R\$ 659,98, cerca de 1,41 salários mínimos no ano do lançamento do edital, por 20 horas semanais.

Viamão

No edital divulgado em 2006 pela prefeitura de Viamão a remuneração foi divulgada por hora. O professor de Educação Física que tenha tomado posse de sua vaga recebe R\$ 6,11 por hora, cerca de 3,8 salários mínimos, com a carga horária variando de 20 a 40 horas semanais.

Guaíba

Na cidade de Guaíba o último concurso realizado foi em 2012, e ofereceu três vagas para o professor de Educação Física trabalhar com o ensino fundamental. Os aprovados nesse concurso recebem R\$ 912,62, cerca de 1,67 salários mínimos no ano do concurso, por 20 horas semanais.

Para fazer a comparação utilizaremos a quantidade de salários mínimos pagos aos professores, porém não usaremos a cidade de Viamão, pois os valores divulgados atendem à uma escala (horária) diferente dos demais.

Ilustração 3 - Classificação baseada na média de remuneração das cidades analisadas

Posição	Cidade	Remuneração (em salários mínimos)
1°	Porto Alegre	2,65
2°	Gravataí	2,36
3°	Cachoeirinha	2,06
4°	Guaíba	1,67
5°	Canoas	1,60
6°	Alvorada	1,41

Fonte: Prefeituras de Porto Alegre, Gravataí, Cachoeirinha, Guaíba, Canoas e Alvorada;

Dos números observados nos editais divulgados mais recentemente de cada uma das cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre e a própria Porto Alegre, nós podemos constatar que, em termos de salário, a capital gaúcha oferece o maior, enquanto a cidade de Alvorada é a que oferece o menor, quando comparado com as outras cidades observadas.

Também é importante observar que alguns municípios oferecem bonificações, como auxílio transporte, auxílio alimentação e triênios; porém tais benefícios são estabelecidos no plano de carreira dos professores e variam de cidade para cidade.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE

De uma forma geral, temos o hábito de relacionar Educação Física, atividade física e saúde. De fato, desde a antiguidade fala-se da importância da prática da atividade física para o combate e prevenção de doenças. Contudo, apesar da longevidade dessa relação, segundo Nahas e Garcia (2010), a saúde pública só passou a tratar do tema com maior interesse em meados do fim da década de 1960. Notoriamente, a partir do Método Aeróbico desenvolvido em 1968 por Cooper, passou-se a compreender a aptidão cardiorrespiratória como um fator relevante na prevenção da doença arterial coronária. Nesse período, apesar da atividade física alcançar um patamar de propagadora da saúde e do bem-estar, durante muito tempo os espaços institucionais que tratavam do tema foram ocupados exclusivamente pelos médicos – tanto do ponto de vista da pesquisa como da intervenção. Um indicador disso é que os grandes laboratórios universitários de pesquisa em atividade física, surgidos no País durante a década de 1970, foram criados e coordenados inicialmente por médicos.

Já na década de 1990, com a consolidação do enfoque na prática – em contraposição à valorização da aptidão e do desempenho –, diversas estratégias são criadas para o incentivo à prática da atividade física regular. Na esteira desses acontecimentos, o educador físico passa a ocupar um papel central, já que ele supostamente seria o agente conhecedor de formas práticas de intervenção visando uma mudança de comportamento nos indivíduos, tornando-os fisicamente ativos. A partir de então, não caberia mais ao médico a prescrição da atividade física, mas o

encaminhamento e elucidação do paciente quanto à sua necessidade. É importante ressaltar que o conceito de saúde e, principalmente, o de bem-estar, é muito amplo e excede a simples ideia de que saúde é não ter doença. Nesse sentido, não seguimos aqui a lógica de que o educador físico e a atividade física devem possuir um caráter protagonista na vida dos indivíduos. Como afirma Yara Maria de Carvalho, coordenadora do grupo de pesquisa Educação Física, Saúde Coletiva e Filosofia da Universidade de São Paulo (USP):

A saúde não é um objeto, um presente. Portanto, ninguém pode dar saúde: o médico não dá saúde, o profissional de Educação Física não dá saúde, a atividade física não dá saúde. A saúde resulta de possibilidades, que abrangem as condições de vida, de modo geral, e, em particular, ter acesso a trabalho, serviços de saúde, moradia, alimentação, lazer conquistados – por direito ou por interesse – ao longo da vida (CARVALHO, 2001)

O fato é que com a valorização da prática da atividade física, e um aparente estreitamento das relações entre medicina e educação física, importantes espaços institucionais se abriram ao educador físico. Como principal destaque desses espaços institucionais, devemos destacar o crescimento de vagas nos concursos públicos para trabalhar junto às Secretarias de Saúde de Estados e Municípios, além do Sistema Único de Saúde (SUS). Vejamos o exemplo de concursos públicos realizados entre 2011 e 2013 para Educadores Físicos nas cidades de Canoas, Novo Hamburgo e Porto Alegre.

Ilustração 4 - Concursos para Educador Físico nas cidades de Canoas, Novo Hamburgo e Porto Alegre entre os anos de 2011 e 2013

Cidade	Função	Requisitos	Total de Vagas	Carga Horária Semanal	Salário Base
Canoas	Educador Físico	Curso Superior em EF e Registro no Conselho Regional de Educação Física	7	40h	R\$3.500,00
Novo Hamburgo	Educador Físico	Curso Superior em EF e Registro no Conselho Regional de Educação Física	2	40h	R\$2.701,79
Porto Alegre	Técnico em Educação Física	Curso Superior em EF e Registro no Conselho Regional de Educação Física	1	36h	R\$ 4.536,00

Fonte: Prefeituras de Canoas (2013), Novo Hamburgo (2013) e Porto Alegre (2011);

O primeiro comentário em relação à Ilustração 4 é quanto à obrigatoriedade do registro profissional junto ao Conselho Regional de Educação Física (CREF-RS). Para

além da grande discussão ocorrida em torno desse registro – visto por muitos como ilegítimo ou uma tentativa de reserva de mercado –, do ponto de vista prático, é preciso destacar que todos os editais de concursos públicos utilizam-se do registro como requisito para contratação. Analisando os dados da perspectiva salarial, podemos observar que os valores oferecidos a quem? São em média superiores aos oferecidos a profissionais assalariados em academias de ginásticas ou a professores da educação básica. Por outro lado, apesar da boa remuneração, é notório o baixo número de concursos e, conseqüentemente, de vagas para o educador físico no setor público de saúde. O fator alentador nesse caso é a tendência de crescimento da participação de educadores físicos nas equipes de saúde – sobretudo no Programa de Saúde da Família (PSF). Como destaca a professora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense (UFF), Madel Therezinha Luz (2007, p. 15): "[...] a presença das atividades corporais ligadas à educação física no sistema de saúde é ainda incipiente, podendo se ampliar significativamente, tanto na área de prevenção como de recuperação da saúde."

Nesse sentido, surge às universidades – como centros formadores de profissionais – a necessidade de compreensão de que a saúde pública é um campo novo e em expansão para o educador físico, havendo a necessidade de readequação de seus currículos; visando uma formação que, primeiramente, compreenda que a área da saúde é uma possibilidade de atuação e que, tendo em vista o conceito mais amplo de saúde, o profissional em educação física é um agente social de promoção da saúde.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

O esporte, quando não é especificamente de alto rendimento, diversas vezes se confunde com o lazer. As escolinhas de modalidades esportivas e as artes marciais são um bom exemplo disso porque dentro do público que pratica estas modalidades, mesmo tendo o tecnicismo do esporte, uma parte entra no esporte com o objetivo de alcançar sucesso profissional (por exemplo, ser jogador de futebol profissional ou ser um lutador olímpico), e outra parte entra apenas para se divertir.

Para analisar a condição salarial do profissional de educação física trabalhando na área do esporte, temos que alongar um pouco nossa área de pesquisa e trabalhar um pouco mais com especulações, pois não existem dados concretos sobre a remuneração de profissionais na área de esporte. Sobre a remuneração dada ao treinador de alto rendimento, mais especificamente ao treinador de futebol – sem sombra de dúvida o maior salário que se pode atingir sendo um profissional da educação física –, existem dois pontos que prejudicam a apresentação de dados. O primeiro ponto a ser considerado é a obrigatoriedade do treinador atuando no Rio Grande do Sul ser ou não credenciado no Conselho Regional de Educação Física do Rio Grande do Sul (CREF/RS), sendo a função de treinador de futebol exclusiva ou não dos profissionais de Educação Física. O segundo ponto envolve a não divulgação dos valores oficiais pagos aos treinadores pelos clubes de futebol. Apesar da lei 12.868, chamada lei da transparência, que exige que os clubes garantam aos associados e filiados acesso irrestrito aos dados sobre a prestação de contas, os clubes não divulgam os valores pagos aos seus funcionários individualmente, mas sim como um todo (treinadores, jogadores, motoristas, etc.).

Considerando esses pontos teremos que recorrer às pesquisas realizadas por empresas, que por sua vez obtém seus dados de especulações feitas pela imprensa. Em um levantamento realizado em 27 de novembro de 2012, a empresa Pluri Consultoria construiu um ranking dos 30 maiores salários de treinadores de futebol no mundo inteiro, mas, como nós nos propusemos a dar um panorama da Região Metropolitana de Porto Alegre, apenas um destes números é essencial, o salário do treinador do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Para efeito de comparação escolhemos analisar também os salários dos outros treinadores atuando no Brasil.

Ilustração 5 - Ranking dos melhores salários de treinadores atuando no futebol brasileiro em 2012

Posição	Nome	Clube	Salário Ano (em reais)
1°	Abel Braga	Fluminense	R\$ 9.100.000,00
2°	Luxemburgo	Grêmio	R\$ 7.800.000,00
2°	Muricy Ramalho	Santos	R\$ 7.800.000,00
2°	Tite	Corinthians	R\$ 7.800.000,00

Fonte: Pluri Consultoria (2012)

Por esses dados podemos observar que o treinador Luxemburgo, que na época trabalhava em Porto Alegre, está empatado com outros dois treinadores com o

segundo melhor salário do futebol brasileiro, demonstrando que ao menos um clube em Porto Alegre paga tão bem, ou melhor, que clubes de outros estados. Porém esse é apenas um lado, pois são raros os treinadores que alcançam esta remuneração – em clubes de menor expressão e menor condição financeira os treinadores recebem salários muito inferiores ao de Luxemburgo.

Novamente esbarramos na falta de dados concretos. Os clubes menores também não divulgam quanto pagam aos seus treinadores e aos seus preparadores físicos; nossa única informação concreta é que os ditos clubes pagam o salário mínimo, pois os treinadores trabalham com carteira assinada e não o fazer seria ilegal.

Quando analisamos os técnicos esportivos em geral, temos um dado de uma pesquisa realizada pelo IBGE – PNAD em 2007 –; essa pesquisa aponta que os 126.359 técnicos esportivos do Brasil têm uma remuneração média de R\$ 919,67.

Outra maneira do profissional de Educação Física trabalhar no campo do esporte é em escolinhas de esportes, que podem ser tanto em clubes quanto em projetos particulares montados pelos próprios professores. Estes dados também são difíceis de serem apresentados, considerando que nesta área o profissional e a escolinha não tem absolutamente nenhum dever de divulgar quanto pagam aos seus professores ou, no caso de projetos particulares, quanto faturam por mês.

Em projetos particulares o valor arrecadado pelo profissional depende da quantidade de alunos que participam do projeto e de quanto o professor cobra. Outro fator que deve ser considerado é que em algumas ocasiões o professor não possui o espaço adequado para ministrar a aula, tendo que tirar uma parcela do valor das mensalidades para alugar uma quadra, um campo ou uma sala.

Quando os clubes oferecem escolinhas de esporte, o número de alunos e o valor da mensalidade não são fatores levados em consideração, pois o dono, ou administrador, do espaço paga um valor predeterminado para o profissional de Educação Física.

5 EDUCAÇÃO FÍSICA E LAZER

Por vezes as ditas subáreas do campo profissional da Educação Física confundem-se, não nos permitindo delimitar com exatidão quais são as prerrogativas de cada. A atividade física em academias de ginástica pode ser um exemplo disso. Ao afirmarmos que o educador físico que exerce funções em uma academia é um profissional exclusivo da área da saúde, poderemos estar desconsiderando o significado que a academia pode ter para o seu público. Por mais que um indivíduo afirme inicialmente que frequenta a academia para cuidar de sua saúde, socialmente é possível que um dos motivos da prática física seja a interação social – diz-se muito isso em relação aos idosos, mas é possível denotar tal fenômeno em todas as faixas etárias. Nessa perspectiva, não seria o Professor de Ginástica, ou Instrutor de Academia, também um profissional do campo do lazer?

Questionamento a parte, o fato é que a área do lazer é a que mais se confunde com as demais áreas da Educação Física propostas neste artigo – Educação, Saúde, Esporte e Lazer. Seguindo a lógica do questionamento anterior, o professor de uma escola é um profissional da educação, mas também trabalha com o lazer; assim como um recreacionista que atua junto ao SUS pode aliar saúde e lazer; tal qual o professor de uma escola de futebol que proporciona conhecimento técnico, mas também diversão.

Assim, podemos dizer que a ideia de lazer estará possivelmente condicionada à relação de prazer entre o indivíduo e a atividade praticada. Marinho e Pimentel (2010) apresentam o quanto categorias como lúdico, ócio, recreação e lazer são debatidas há séculos, e como cada um desses conceitos pode variar – e inclusive divergir -, para cada tempo histórico e autor.

A partir da reflexão de todas as concepções expostas, pode-se ter a certeza de que o lazer é uma categoria em continua construção e engessá-lo a determinado momento da história ou conforme certas regras sociais, econômicas, políticas ou religiosas simplesmente repercutiria em seu empobrecimento mais profundo (MARINHO; PIMENTAL, 2010).

Apresentadas as limitações de definição do ponto de vista conceitual, este artigo irá considerar como atividade ligada ao lazer toda prática profissional exercida pelo educador físico que tenha como objetivo central a integração social e o bem-estar oriundo do prazer proporcionado por essa prática.

Nesse sentido, nota-se um considerável crescimento no número de empresas especializadas na recreação voltada a festas e eventos – sobretudo eventos infantis. Em rápida pesquisa na internet, pode-se notar que entre as práticas oferecidas pelas empresas vão desde brincadeiras ligadas à cultura circense – como pular em camas elásticas ou andar em pernas-de-pau –, até atividades ligadas às artes – como oficinas de pintura. Assim, já não podemos relacionar a prática profissional do recreacionista, ou do animador de eventos, com a imagem do palhaço de nariz vermelho que distribui doces. O crescimento exponencial desse setor é refletido nos aproximadamente 354 mil resultados de pesquisa para os termos “Recreação e Eventos” no site de buscas Google.

Quanto à questão econômica, é inviável sequer tentar fazer uma média da remuneração dos profissionais envolvidos na atividade de recreação e eventos. Das diversas variáveis envolvidas pode-se notar a preponderância da remuneração por hora de trabalho ou evento. Outros dois aspectos importantes a serem destacados: grande parte dos profissionais de recreação trabalha em horários alternativos – como em finais de semana ou feriados. E, habitualmente, a atividade é exercida sem que haja as relações formais de trabalho – com arrecadação de tributos trabalhistas e, conseqüentemente, direitos sociais como décimo terceiro salário, férias remuneradas e previsão de aposentadoria.

Apesar da aparente desregulamentação da atividade, cabe ressaltar que tal situação está ligada principalmente a profissionais liberais e a pequenas empresas. Em empresas de médio e grande porte é provável que garantias trabalhistas e carga horária de trabalho sejam respeitadas. A própria inserção da recreação nos concursos públicos faz-se com que o campo de atuação comece a se valorizar, como no exemplo apresentado na tabela a seguir.

Ilustração 6 - Concurso para Recreacionista da Secretaria Estadual do Estado do Rio Grande do Sul – 2013

Função	Requisitos	Total de Vaga (s)	Carga Horária	Salário Base
--------	------------	-------------------	---------------	--------------

Recreacionista	Curso Superior em EF e Registro no Conselho Regional de Educação Física	6	30h	R\$3.117,07
-----------------------	-------------------------------------------------------------------------	---	-----	-------------

Fonte: Secretaria Estadual do Estado do Rio Grande do Sul – 2013

Do ponto de vista financeiro, o cargo de recreacionista ofertado pela Secretaria Estadual de Saúde do estado do Rio Grande do Sul pode ser ainda mais interessante do que a docência, ou do que o trabalho direto junto a equipes de saúde no SUS, já que o edital de contratação prevê que o servidor poderá optar por um regime de dedicação exclusiva, trabalhando 40 horas semanais – o que agregaria de imediato mais 50% de gratificação sobre o vencimento básico; 75% após seis meses e 100% após um ano e quatro meses.

Certamente se fosse esse o padrão de remuneração aos profissionais de Educação Física na área da recreação, ele seria possivelmente um dos alvos das instituições de ensino e dos próprios estudantes. Contudo, como visto aqui brevemente, o lazer, de uma forma geral, ainda é um campo profissional de incertezas e informalidades – ainda que em aparente expansão e valorização.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos durante o texto, o campo de atuação do educador físico é extremamente amplo e em aparente expansão. Tal crescimento está diretamente relacionado à valorização contemporânea da atividade física – tanto para a prática que visa a saúde quanto a de interesse meramente estético. Contudo, pode-se denotar que, ainda que exista uma valorização do educador físico – sobretudo no setor público –, o baixo número de vagas disponíveis faz com que a média salarial geral do profissional seja inicialmente não muito atraente. Evidentemente, é preciso considerar que essa é uma constatação generalista que trabalha do viés do profissional empregado – desconsiderando, por exemplo, profissionais liberais e proprietários de estabelecimentos de prestação de serviços ligados à atividade física.

Entre os dados apresentados nota-se que a área da educação pública de nível estadual está entre as mais desvalorizadas no que tange à questão salarial. No entanto, é importante frisar que esse é um dos setores com a maior disponibilidade de

vagas –, além de outros fatores positivos como as garantias trabalhistas, ou o plano de carreira, e a estabilidade na função.

Em relação ao esporte, ainda que essa seja possivelmente a área em que o profissional possa alcançar a maior remuneração, é fato que salários milionários são restritos a uma ínfima parcela dos profissionais. Já na área da saúde, é visível o aumento da participação do educador físico nas equipes médicas, contudo, com um número de vagas ainda restrito. No campo do lazer, a função de recreacionista vem crescendo e disponibiliza um considerável número de vagas – sobretudo no setor privado.

Concluimos afirmando que chamou atenção do grupo a amplitude de possibilidades de atuação que dispõe o educador físico – tanto no setor público como no privado. Assim, consideramos que as universidades precisam, enquanto espaços de formação de profissionais, adequar e adaptar seus currículos de ensino, permitindo aos estudantes um maior contato com as futuras áreas de atuação.

REFERÊNCIAS

ALVORADA. Prefeitura. **Edital de concurso nº 31/2009**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-alvorada-rs-355-vagas>>. Acesso em: set. 2014.

CACHOEIRINHA. Prefeitura. **Edital de concurso nº 001/2008**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-cachoeirinha-rs-127-vagas>>. Acesso em: set. 2014.

CACHOEIRINHA. Prefeitura. **Edital de concurso nº 01/2012**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/noticias/prefeitura-de-cachoeirinha-rs-dara-continuidade-no-concurso-n-01-e-02-2012>>. Acesso em: set. 2014.

CANOAS. Prefeitura. **Edital de concurso nº CP32**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-canoas-rs-605-vagas>>. Acesso em: set. 2014.

CARVALHO, Maria Yara de. Atividade Física e Saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 9-21, jan. 2001.

FERNANDES, Maria Dilnéia Espíndola; GOUVEIA, Andrea Barbosa; BENINI, Élcio Gustavo. Remuneração de professores no Brasil: um olhar a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 2, p. 339-356, 2012.

FUNDAÇÃO DE SAÚDE PÚBLICA DE NOVO HAMBURGO. **Edital de abertura nº 01/2013**. Disponível em: <http://www.fundacaolasalle.org.br/concursos/processo_02_2013_fsph_medicos.php>. Acesso em: set. 2014.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE SAÚDE DE CANOAS. **Edital de abertura nº 01/2013**. Disponível em: <http://www.fundacaolasalle.org.br/editais/fmscanoas/ed_abertura_012013_fmscanos.pdf>.

GRAVATAÍ. Prefeitura. **Edital de concurso nº 01/2008**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-gravatai-rs-17-vagas>>. Acesso em: set. 2014.

GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO. **Edital de Abertura - 03/2011**. Disponível em: <http://www.fundacaolasalle.org.br/concursos/processo_03_2011_ghc.php> Acesso em: set. 2014.

GUAÍBA. Prefeitura. **Edital de concurso nº 010/2011**. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-guaiba-rs-83-vagas>>.

LUZ, Madel Therezinha. Educação Física e Saúde Coletiva: Papel Estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (Org.). **Educação física e saúde coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: UFRGS, 2007. v. 1, p. 9-16.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: pimentel, Giuliano Gomes de Assis (Org.). **Teorias do Lazer**. Maringá: Eduem, 2010. p. 11-41.

NAHAS, Markus Vinícius ; GARCIA, Leandro Martins Totaro. Um pouco de história, desenvolvimentos recentes e perspectivas para a pesquisa em atividade física e saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 135-148, 2010.

PORTO ALEGRE. Secretaria de Educação. **Edital de concurso nº 139/2013**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/concursos/usu_doc/edital_139-_edital_de_abertura_-_oficial.pdf>. Acesso em: set. 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, set. 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Edital de concursos nº 01/2013**. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/upload/1381860309_Edital%20de%20abertura%20S%20SAUDE%20concurso%202013.pdf>.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Edital de concursos nº 01/2013.** Disponível em:

<http://www.educacao.rs.gov.br/dados/conc_mag_edital_retificado_20130227.pdf>.

Acesso em: set. 2014.

VIAMÃO. Prefeitura. **Edital de concurso nº 017/2006.** Disponível em:

<<http://site.pciconcursos.com.br/arquivo/1049042.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

ÉTICA E EMAGRECIMENTO CORPORAL

Carlos Baron
Maicon Moraes
Matheus Bertotto
Rodrigo Otávio
William Gomes
Henrique Lucena

RESUMO

Com a mudanças econômicas e aumento da jornada de trabalho, os “*fast food*” tem sido uma alternativa para otimizar o tempo das refeições, todavia o excesso de consumo de alimentos rápidos como: pizza, cachorros quentes, batata fritas e outros aliada ao sedentarismo tem acarretado em um aumento da população acima do peso. Com o aumento da procura por um corpo magro e a preocupação com a saúde, muitas vezes as pessoas se utilizam de métodos e produtos nem sempre eficazes para a perda de peso. Diante disso, o trabalho procurou abordar a ética do profissional de Educação em relação ao emagrecimento corporal. A partir disso, percebemos que o profissional de educação física que atua nesta área bastante ligada ao corpo, pode constantemente se encontrar em um dilema com seus alunos que buscam com todas as suas forças este corpo perfeito veiculado pela mídia, este padrão pode ser bastante questionado pelos profissionais que atuam na área e este aluno pode estar muito mais longe do que imagina de seu objetivo, podendo nunca chegar até este. Por isso nós, educadores físicos, devemos procurar sempre discutir com os nossos alunos sobre seus objetivos, métodos que serão utilizados e procurar extrair o máximo de informações sobre o este aluno, para que assim possamos desmitificar este padrão corporal único exposto pela mídia.

Palavras – chave: Educação Física, ética, emagrecimento, mídia.

1 INTRODUÇÃO

Após a quebra da bolsa em 1929 nos Estados Unidos, a população americana passou por uma crise financeira que acarretou a falta de empregos. Após a recuperação da economia e oferta de emprego em alta, os americanos trabalhavam muitas horas por dia e passavam um longo tempo longe de casa, esses foram os principais motivos para o “*boom*” dos “*Fast Foods*” na metade do século passado na terra do Tio Sam. Com refeições rápidas e um preço acessível, essas lanchonetes viraram febre não só nos Estados Unidos mais também no mundo inteiro. Porém, a

maioria destes estabelecimentos de lanches rápidos oferecem opções pouco saudáveis como: hambúrgueres, batata frita, cachorros-quentes e pizzas.

A falta de tempo pela “correria” do dia-dia e os preços baixos nestes estabelecimentos, levou não só a população americana, mas também a mundial, a se alimentarem fora de casa e sem uma educação alimentar adequada. Estima-se que hoje mais da metade da população esteja de 10% a 40% acima do peso ideal, o que leva ao aumento dos índices de doenças como hipertensão, diabetes e até mesmo o estresse (FELIPPE; SANTOS, 2004).

O aumento de óbitos constatados em decorrência dessas doenças causou outro “boom” na sociedade: o da corrida para as academias de ginástica no final da década de 1990 e início dos anos 2000, com pessoas querendo perder peso a qualquer custo. Baseado nessa corrida pelo emagrecimento, empresas criaram diversos produtos prometendo queima de tecido adiposo, produtos estes que variam desde diuréticos em forma de “shakes”, até máquinas que prometem um corpo torneado sem precisar fazer exercícios. Mas aí que se dá uma importante questão, será que esses produtos realmente prometiam o que vendiam?

Muitos profissionais da Educação Física apareciam nos comerciais destes produtos “milagrosos”, assinando em baixo a sua eficácia. Outros profissionais os recomendavam em academias, e em alguns casos intermediavam a venda direto com o fornecedor. Até que ponto o educador físico pode fazer recomendação desses produtos sem nunca ter os usado, ou sem conhecer os seus verdadeiros benefícios ou malefícios para saúde de seus alunos?

2 O BARATO QUE VEM SAINDO CARO

Aparentemente comer fora sai muito barato, uma bolachinha ali, um salgadinho lá, um refrigerante acolá. Sem gastar muito se come bem, bem mesmo? Muitos desses lanches rápidos que desfrutamos pelas ruas, em praça de alimentação, bares e outros estabelecimentos com este objetivo, trazem consigo armadilhas culinárias prejudiciais para nossa saúde, como a vilã gordura trans e outros produtos usados na preparação e conservação destes alimentos. Em longo prazo o consumo destes lanches acarreta em diversas doenças; uma vez que o indivíduo esteja doente

ele precisará de um acompanhamento médico que, na grande maioria dos casos, é subsidiada pelo governo. Segundo o Ministério da Saúde os gastos do Brasil com a obesidade já ultrapassam anualmente R\$ 1 bilhão, este valor é usado para pagar consultas, internações, cirurgias e remédios a fim de tratar o excesso de peso e doenças ligado a ela. Estima-se que 5% dos gastos relacionados a internações no Sistema Único de Saúde (SUS) estão relacionadas com excesso de peso.

Levando em conta as nossas condições como brasileiros, esses números parecem exorbitantes, porém, nos Estados Unidos gastam-se em torno de US\$ 50 bilhões para tratar apenas da obesidade e suas consequências. Olhando por esse lado, aquela bolachinha recheada com refrigerante não saem tão baratas em longo prazo.

3 ACADEMIA NAO FAZ MILAGRE

Nesses tempos de globalização, as informações chegam a praticamente todos os lares do Brasil, informações estas que facilmente são manipuladas pelos meios de comunicações. É fácil de vermos alguma atriz do horário nobre saindo de determinada academia com um corpo esbelto esculpido por alguns exercícios, ilustrando assim reportagens de sites e revistas de entretenimento; ou algum vencedor de reality show dando uma corrida na orla de alguma praia famosa, exibindo um corpo definido longe de qualquer sobrepeso. Logo se pressupõe que qualquer mulher que se matricule numa academia terá o corpo de uma estrela da novela das 21 horas e que qualquer homem que der uma corridinha na praia será magro e nunca mais terá preocupação com o peso.

Este corpo idealizado pela mídia como “perfeito”, conseqüentemente trará uma maior visibilidade ao seu detentor, colocando-o em uma espécie de vitrine social, que o proporcionará maior admiração e com isso também podem surgir maiores e melhores oportunidades e ofertas no meio social. Partindo deste raciocínio, quando nos surge em mente a figura do profissional de educação física, jamais conseguiríamos enxergar um indivíduo fora deste padrão corporal, visto que imerso neste padrão este profissional se encontra dentro da imagem que a sociedade espera deste indivíduo e

se espelha; este profissional também poderá dispor de um maior leque de oportunidades e ofertas em sua profissão, caso contrário, poderá encontrar inúmeras dificuldades.

Percebe-se que o mundo social claramente discrimina os indivíduos atraentes numa serie de situações cotidianas importantes. Pessoas atraentes parecem receber mais suporte e encorajamento no desenvolvimento de repertórios cognitivos socialmente seguros e competentes. Em contraste indivíduos não atraentes estão mais sujeitos a encontrar ambientes sócias que variam do não responsivo ao rejeitador e que desencorajam o desenvolvimento de habilidades sociais de um auto conceito favorável. Com isso apresentam com mais freqüência ansiedade e medo de rejeição social. (FERNANDES, 2007, p. 21)

Com embasamentos nesses fatos corriqueiros do dia-a-dia, neste senso-comum, qualquer individuo que chegue numa academia ou contrate um *personal trainer* concluirá que em alguns dias, ou poucos meses já será detentor de um corpo perfeito e saudável como os que são difundidos pela mídia, e se fia neste padrão definido por esta como a única maneira possível de sua realização corporal. Neste ponto se dá a importância de um profissional sério, bem graduado e que leva a sério sua profissão, que está ciente que não é desta forma que funciona. Cabe ao educador físico, após a anamnésia, abrir os olhos deste individuo para a sua realidade, explicar-lhe os pontos que serão necessários trabalhar, no que seu treino será focado, o porquê do foco nesse treino, qual o resultado esperado, etc. Desta forma, não cabe ao profissional alimentar em seu aluno um sonho de “corpo perfeito”, visando determinado padrão, que jamais se realizará. Ele deve pôr os pés no chão e auxiliar o seu aluno dia após dia, para que com o passar dos meses o aluno possa entender que o corpo ideal não é aquele que aparece nas propagandas inseridas na televisão, na revista ou em outdoors, mas sim o corpo que lhe trará uma plena realização física e até mesmo psicológica.

4 COM CURVA OU SEM CURVAS? EIS A QUESTÃO

Em 1963 desembarcava em Porto Alegre Ieda Maria Vargas, a primeira Miss Universo brasileira, detentora de um corpo invejado para sua época Ieda venceu o concurso internacional sem aderir a nenhuma dieta mirabolante e sem nunca ter

passado um minuto dentro de academias, diferente de suas concorrentes. “Nos anos 60 não havia Botox e nem silicone e eu continuo natural. Eu vivi assim, vou morrer assim”, revela a Miss Universo 1963 em reportagem para o Fantástico em julho de 2013.

Assim como em 1960, em 2013 as medidas de uma Miss continuam as mesmas; noventa de busto, sessenta de cintura e noventa de quadril. Porém hoje a exigência são por misses mais altas e magras, Leda ganhou o concurso medindo seus 1m68cm, porém hoje ela nem chegaria perto das passarelas com essa estatura.

Com base nesses dados poderíamos dizer que as magras e altas dominariam não só as passarelas, mas também o padrão de beleza ideal pelas brasileiras. Mas em 1990 com a explosão do Axé começaram a aparecer mulheres mais “cheinhas”, com pernas mais grossas, bumbuns e seios mais fartos que as misses. Logo em seguida surgiram as mulheres frutas, de estatura mediana, coxas bastante grossas, bumbuns bastante avantajados e silicone nos seios, os chamados “Mulherões”. Este padrão de beleza parece ser também a nova preferência masculina.

Mas e as mulheres qual padrão procuram seguir? Vão as academias com intuito de secar e parecerem-se com as Misses? Ou procuram na academia o ganho de massa muscular para vir a possuir um corpo mais sinuoso?

Para responder essa pergunta o Senai de São Paulo foi às ruas para saber das mulheres que frequentam academias qual padrão elas buscavam. E quem levou a melhor foi o estilo mais recente o “Mulherão”, o qual cerca de 70% das entrevistadas afirmam vão à academia para ganhar bumbum e coxa, e fazem uso de hipercalóricos. Já os 30% restantes dividem-se entre mulheres que vão às academias por motivos estéticos ou por recomendação médica relacionada ao sobrepeso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber uma crítica constante ao modelo de corpo explicitado pela mídia para ser seguido, cultuado e refletido na sociedade dos dias de hoje no Brasil. Por outro lado, esta mesma mídia que propaga essa ideia do corpo perfeito, deste padrão de corpo magro e esbelto, se antagoniza disseminando a cultura dos “*fast foods*”, por exemplo, que vão exatamente contra os princípios de quem deseja possuir

este padrão corporal. Este fato nos dá a ideia de que seguir o que a mídia nos expõe, como se segue uma religião, pode ser extremamente danoso para o indivíduo, visto que a mídia dissemina ideias porque ganha sua porcentagem para fazer isso, e não porque são boas ou, no caso dos “*fast foods*”, porque faz bem para a saúde, temos que saber filtrar essas informações. A moda também está extremamente ligada com a mídia e com este padrão corporal que esta dissemina, pois seguir de que vale seguir a moda, usar roupas da época não estando com o corpo ideal para as mesmas (CASSIMIRO; COSTA, 2010). Vale a pena ressaltar que cada cultura possui um padrão corporal ideal entre seus membros, esse padrão pode se modificar durante os anos, aqui no Brasil esse padrão vem mudando constantemente com o passar dos anos.

O profissional de educação física que atua nesta área bastante ligada ao corpo, pode constantemente se encontrar em um dilema com seus alunos que buscam com todas as suas forças este corpo perfeito veiculado pela mídia, este padrão pode ser bastante questionado pelos profissionais que atuam na área e este aluno pode estar muito mais longe do que imagina de seu objetivo, podendo nunca chegar até este. Como explicar isso ao seu aluno? É melhor “fechar os olhos” para estas críticas a este padrão e dedicar-se ao objetivo do seu aluno fazendo o que ele deseja, ou discutir com ele sobre seu objetivo e sobre como ele pode já se sentir muito bem consigo mesmo sem precisar ir tão longe de sua realidade?

Acreditamos que a discussão com o seu aluno é sempre válida, é importante mostrá-lo que se pode chegar a um bem-estar consigo mesmo, físico e psicológico, sem precisar chegar exatamente a este padrão que a mídia evidencia. Este padrão único de beleza apenas atrapalha o trabalho do educador físico, pois este tem que lidar com diversos tipos de alunos, obesos, magros, obesos mórbidos entre outros que talvez possam não conseguir chegar a este padrão, e assim ficarem infelizes com seu corpo por uma mera pressão midiática que evidencia apenas o que “eles” querem, e reforçam uma ideia negativa sobre quem está fora deste padrão. Estar fora deste padrão não significa necessariamente que o indivíduo não está saudável, e nem estar inserido neste padrão significa que o indivíduo está saudável, por isso essa pressão da mídia em cima de um padrão único se torna muito generalizada, visto que alguns indivíduos mesmo possuindo um aspecto mais “cheinho”, podem estar saudáveis e se sentindo bem consigo mesmo e vice-versa.

Por isso nós, educadores físicos, devemos procurar sempre discutir com os nossos alunos sobre seus objetivos, métodos que serão utilizados e procurar extrair o máximo de informações sobre o este aluno, para que assim possamos desmitificar este padrão corporal único exposto pela mídia e fazer um trabalho mais completo deixando este aspecto midiático de lado e se concentrando apenas em seu aluno e em fazê-lo enxergar que o corpo perfeito não pode ser generalizado, cada um possui o seu padrão corporal ideal, com o qual se sentirá bem consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

CASIMIRO, Erica Silva; COSTA, Shirley Barbosa da. Padrões sociais com a imagem corporal: a insatisfação das pessoas com o corpo. III CONGRESSO NORTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, 2010, Belém. **Anais...** Belém, 2010. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/3conceno/3conceno/paper/viewFile/3950/2218>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

FELIPPE, Flávia, SANTOS, Andreia Mendes dos. Novas demandas profissionais: obesidade em foco. **Revista da ADPPUCRS**, Porto Alegre, n. 5, p. 63-70, dez. 2004.

FERNANDES, Ana Elisa Ribeiro. **Avaliação da imagem corporal: hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

OS MEGAEVENTOS

Anny Ambrosio da Silva
Gláucia Fatturi Salaberry
Julia Giusti
Juliana Maia Delfino
Luiza Lopes Amoretti
Paula Paré da Rocha
Tamiris Santos Sfair Castro¹

RESUMO

No presente texto procuramos esboçar alguns apontamentos e reflexões sobre os Megaeventos Esportivos. Mais precisamente, nos propomos em avaliar, de forma preliminar, algumas das dimensões sociais (traduzida sobre o termo “legados”) inerente à realização dos eventos esportivos no Brasil, assunto que diz respeito aos profissionais da Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; Esportes; Legado; Megaeventos.

1 INTRODUÇÃO

Ao fazermos apontamentos sobre o tema Megaeventos Esportivos, propomos uma reflexão com base em conceitos da literatura publicada até agora, para que seja possível criarmos uma discussão acerca deste importante assunto que nos diz respeito, enquanto profissionais de Educação Física.

O Brasil foi e será sede de grandes eventos esportivos em curto período de tempo. Em 2014 e em 2016 seremos mais uma vez palco de uma série de mobilizações, intervenções e impactos sociais, econômicos e culturais, com a vinda da Copa do Mundo FIFA e com os Jogos Olímpicos, respectivamente. A construção desses gigantes projetos envolve sérios interesses pessoais e de entidades que se uniram para a organização de toda infraestrutura necessária para a sua realização. A crise econômica nos países centrais, além de afetar os países periféricos, impossibilita a criação de um “berço” para estes eventos e, portanto, deslocou-se o enfoque para aqueles países ditos em desenvolvimento, como é o caso do Brasil e de tantos outros que sediaram e sediarão os Megaeventos Esportivos.

¹ Acadêmicas do primeiro semestre da Faculdade de Educação Física, da Escola Superior de Educação Física – ESEF, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2013/2.

A complexidade do tema fez com que os estudos em âmbito acadêmico crescessem nos últimos anos, possibilitando importantes debates sobre o assunto. O que mais tem se usado como justificativa para a sede brasileira – em especial a cidade do Rio de Janeiro – são os “legados” esportivos que os jogos trarão para a sociedade, dentre eles as estruturas dos estádios de futebol, as reformas urbanas, a melhora do serviço de transporte, etc. O que no geral não se discute tanto é sobre a supervalorização das áreas próximas às construções, a remoção de moradores das próprias residências, afetando muitas famílias, entre outras questões.

A imagem de Esporte e de Educação Física vem sendo modificada para atender e fortificar a atual mentalidade social do alto rendimento, do “homem- máquina”, da real exclusão quando se fala em inclusão, da competitividade e do egoísmo – reflexo de uma profunda construção histórica, que coloca hoje o esporte como mercadoria. As parcerias público/privadas têm criado centros de pesquisas em universidades federais para incentivar a inovação tecnológica, como foco principal. Exemplo disso é o Prêmio Jovem Cientista 2012 – que segundo seu site “tem como objetivos revelar talentos, impulsionar a pesquisa no país e investir em estudantes e jovens pesquisadores que procuram inovar na solução dos desafios da sociedade” – mas será que essas inovações são de acesso a toda sociedade ou a uma parcela dela? Além disso, alterações no currículo dos cursos superiores de Educação Física e projetos sociais implantados pelo governo, como o Projeto Segundo Tempo, são também consequências desse ponto de vista materialista.

Há muito mais conteúdo para ser abordado sobre os Megaeventos Esportivos. Deter-nos-emos a destacar:

1) Os conceitos que alguns autores trazem sobre o significado de Megaeventos. Na literatura brasileira o material encontrado ainda é escasso sabendo-se pouco sobre sua definição, diferentemente do que se tem em outros países. Fica clara a necessidade de ampliar os estudos em meio acadêmico científico para que haja mais argumentos e críticas que levem a uma compreensão sobre o tema. Assim mais especificamente se poderá falar dos reais impactos gerados com toda a movimentação.

2) A relação que os Megaeventos esportivos têm com a Educação Física. A pseudovalorização da profissão tem buscado associar a prática dos esportes à

educação, criando meios de inserir o esporte resignificado desde a escola básica na rede pública de ensino. A implantação de projetos e bolsas do governo reforça a imagem criada do esporte e da Educação Física, distorcendo os reais valores dos mesmos e determinando um modelo de alto rendimento que abafa a condição de professor/educador físico.

3) Os “legados” e impactos que acompanham a realização desses enormes acontecimentos esportivos. Sobre este tópico é o mais se tem discutido, pois antes, durante e após o término da jornada muitas mudanças são geradas a nível urbano, regional, social e cultural - principalmente. É necessário tomarmos conhecimentos das dimensões sociais que este evento atinge no Brasil, o que está por trás das divulgações feitas pelos organizadores, quais são seus verdadeiros interesses. Neste aspecto, devemos ampliar a noção “legados” e analisá-los de um ponto de vista sócio filosófico que pretende aproximar-se do empírico e compreendê-lo criticamente.

2 AFINAL O QUE ENTENDEMOS COMO “MEGAEVENTOS”?

Olhando para nome já podemos ter uma noção do seu significado, conjuntos de grandes competições esportivas e muitas vezes vêm ainda adjetivado como “esportivo”. No caso do Brasil iremos citar a Copa do mundo de 2014 e os jogos Olímpicos de 2016, que consigo veem trazendo muitas discussões, preocupações e polêmicas pelo fato de que irão ocorrer em um espaço de tempo relativamente curto, abrindo espaço para trabalhos no mundo acadêmico que tem se voltado para pesquisas e estudos referente a esses eventos.

Mas alguns ainda dizem que megaeventos esportivos são competições internacionais que reúnem milhares de atletas em um espaço de tempo de no máximo um mês, que traz impactos em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica.

Entender o que são megaeventos não é tão fácil, pois a maioria dos autores escreve muito mais o que constitui megaeventos e os seus legados, e pouco falam do significado do mesmo. Para conceituar megaeventos vamos compreender o que dizem alguns autores:

Um megaevento pode ser definido pelo número de participantes ou pelo 'processo', o que para eles significa: "curta duração, porém de preparação longa e por vezes intermitente, sempre operando em escala de milhões de participantes" (DA COSTA; MIRAGAYA apud TAVARES, 2011).

Megaeventos são melhores compreendidos como eventos culturais (inclusive comerciais e esportivos) de larga escala, os quais têm um caráter dramático, apelo popular de massa e significado internacional (HORNE; MANZENREITER apud TAVARES, 2011).

Os megaeventos podem ser considerados marcos da modernidade com longa tradição de integrar interesses industriais e corporativos com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano e imagem nacional (SCHIMMEL apud TAVARES, 2011).

Os megaeventos apresentam grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL apud TAVARES, 2011).

Olhando para essas definições podemos considerar megaeventos não esportivos, as feiras e exposições internacionais, e esportivas a Copa do Mundo e os jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Mas Manzenreiter (apud TAVARES, 2011) diz que existem três razões pelas quais consideramos mais os esportivos como megaeventos do que os não esportivos. Primeiro, o avanço tecnológico tornou o esporte visível, aumentando a audiência. Segundo, com a transmissão internacional do esporte começaram a surgir as propagandas, patrocínios e isso resultou na aliança Confederação Olímpica Internacional (COI) e Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), ambas cuidam de tudo que relaciona Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Terceiro lugar e mais conhecido por todos os megaeventos passaram usados para promoverem cidades e países nas mais diversas áreas, o que nos mostra o porquê do envolvimento de governo nas candidaturas e organização de megaeventos esportivos. Esses fatores fazem com que os megaeventos esportivos chamem mais atenção do que os não esportivos.

Compreendendo todas as teorias citadas acima, entende-se que megaeventos (esportivos ou não esportivos), tomam conta das cidades, acelerando o crescimento e desenvolvimento das mesmas, trazendo maior fluxo comercial, mais segurança, desenvolvimento da área do turismo, dão grandes oportunidades para o crescimento urbano, visibilidade internacional, estimulam novos empreendimentos movimentando a economia, influenciam positivamente na melhora da infraestrutura e dos transportes urbanos.

O esporte é utilizado como, forma para desenvolver o empreendedorismo urbano, junto com o governo e interessados privados, mudam as cidades arquitetonicamente criam e regeneram espaços. Muitos sabem administrar corretamente deixando grandes legados e outros deixam grandes elefantes brancos, saber o que vai ficar para o país escolhido não tem como, pois as análises de impactos econômicos nem sempre fornecem dados o suficientes para serem incontestáveis e confirmar que o evento terá impacto positivo.

Segue alguns dos principais impactos decorrentes dos megaeventos:

- Impactos econômicos;
- Impactos sociais;
- Impactos ambientais;
- Impactos culturais;
- Impactos políticos;

Tais eventos em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, o interesse de trazer estes eventos esportivos esta associado à criação de uma infraestrutura de apoio, o que significa muitos recursos ou dívidas em longo prazo que podem onerar as contas públicas, além de prejudicar áreas com necessidades de investimento em curto prazo como: saúde, educação e bem-estar.

Olhando para este parágrafo parece absurdo que um país se interesse em trazer mais dívidas, mas na verdade se enxerga a oportunidade em protelar os problemas emergenciais focando na melhoria da cidade em questão de engenharia e turismo que trazem resultados em curto prazo, podendo então embolsar cada vez mais recursos no mandato governamental atual. É só pararmos para observar os principais grupos interessados, que vão obter maior lucro; e o grupo dos perdedores, que irão ter prejuízos; que são:

GANHADORES

- Comitê Olímpico Internacional
- Governos nacionais e locais
- Indústria da construção civil
- Indústria do turismo e entretenimento
- Emissoras de TV E Rádio
- Patrocinadores internacionais e nacionais

PERDEDORES

- As pessoas mais atingidas são aquelas com menos chances de formar grupos para proteger seus interesses.
- Eventos é uma oportunidade de alto custo para os que não necessitam da infraestrutura criada pelos mesmos.

3 Megaeventos Esportivos e Educação Física

Não é de hoje que a Educação Física e os esportes têm relação em comum, se tratando de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, a inserção de um profissional de Educação Física torna-se essencial na medida em que os atletas necessitam de um preparo físico impecável para um bom desempenho durante as competições.

A sede da Copa do Mundo FIFA 2014 será no Brasil e ocorrerá de 12 de Junho a 13 de Julho de 2014, assim como a sede dos Jogos Rio 2016, que ocorrerão durante os dias 05 a 21 de Agosto de 2016 os Jogos Olímpicos, e os Paraolímpicos de 07 a 18 de Setembro de 2016, será na cidade do Rio de Janeiro, cidade sede escolhida em 02 de Outubro de 2009 durante a 125ª sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), em Buenos Aires.

A COI ao participar da execução do projeto olímpico impôs o seu próprio plano de organização, transformando o marketing esportivo em um megaevento empresarial e enormemente lucrativo, bem distante da competição limpa, da cultura atlética e da educação do caráter, desconstruindo assim, a tradição do ideal olímpico (MASCARENHAS, 2012).

Os megaeventos esportivos movimentam o sistema capitalista e financeiro a partir do pressuposto que são fundamentais para o desenvolvimento das grandes cidades que os sediam. Tornando-se cidades favoráveis aos negócios, cidades seguras com infraestrutura de qualidade, mas também não podemos deixar de citar que se por um lado os megaeventos são importantes para o crescimento urbano e social, por outro lado as suas realizações podem não impulsionar a prática esportiva por parte da população, sendo que uma das razões para isso não acontecer é o fato de que as instalações esportivas, construídas para esses fins, não prestam ao uso da população em geral.

Nos últimos anos, o Brasil assumiu a organização dos chamados megaeventos esportivos e esses fatos, além das justificáveis preocupações de ordem política e econômica, traz à tona uma série de demandas e expectativas, ansiedades e confusões em relação ao papel da Educação Física (DAOLIO, 2013). Os megaeventos esportivos a partir de seu poder simbólico (e também econômico), o qual está relacionado com uma série de características do esporte de alto rendimento que lhe conferem inegavelmente um grande apelo popular e uma adesão apaixonada. Muito já se escreveu e discutiu sobre as razões dessa capacidade de adesão e mobilização, contudo, o que importa aqui é destacar que esse potencial impacta a Educação Física Escolar, identificada como um componente curricular responsável por esse elemento da cultura. Assim, não só os dirigentes do próprio sistema esportivo, mas também políticos de uma maneira geral, administradores públicos (da área da educação ou não), pais e alunos acabam por associar a Educação Física Escolar ao fenômeno esportivo a partir da visão hegemônica de esporte na nossa cultura.

Na discussão dos jogos é periódica a defesa da valorização da Educação Física, pois muito já se falou do fracasso em Sidney em 2000, visando à necessidade da revalorização da Educação Física, e em cada novo ciclo de jogos olímpicos esse mesmo discurso aparece sobre a valorização estendida do profissional de Educação Física.

Em 2016, o maior evento esportivo do planeta terá lugar na América do Sul pela primeira vez na história. A cidade do Rio de Janeiro terá o orgulho de sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

O acontecimento mexe com o dia-a-dia dos brasileiros desde a confirmação da vitória, no inesquecível dia 2 de outubro de 2009. O anúncio feito pelo presidente do

COI, Jacques Rogge, foi a coroação maior de uma trajetória de conquistas, mas, acima de tudo, o início de uma caminhada de grandes oportunidades e desafios.

A infraestrutura necessária para a realização dos Jogos impressiona em cada detalhe. Serão mais de 100 mil pessoas envolvidas diretamente na organização, incluindo 70 mil voluntários, e milhões impactados na cidade, no país e no continente. São esperados mais de 10.500 atletas de cerca de 205 nações ao redor do mundo, além de milhares de profissionais de imprensa, de apoio, apaixonados pelo esporte e turistas de todos os cantos do globo.

Para receber todos estes convidados, o Rio passará por uma transformação, mas sem perder jamais o espírito carioca e a energia brasileira, que contagiam a todos (RIO 2016).

O lado positivo deste acontecimento histórico, para a educação física, infelizmente, não é tão contundente quanto para as outras áreas - social, por exemplo - como já comentamos anteriormente. Afinal, quais serão os legados que irão favorecer a nós, os profissionais que estão no topo em nível de importância para a realização dos megaeventos? Esta questão é básica para entendermos o quanto, em nosso país, está sendo distorcida. Tendo em vista ao que se propõe, teremos um “espetáculo esportivo” já que no momento o foco principal é desvirtuado às estruturas de sedes e entorno social, e pouco se faz na qualificação dos profissionais, do treinamento e dos atletas que irão representar o Brasil.

Em tempos de megaeventos esportivos há certa preocupação maior voltada para projetos de alto rendimento e para a educação física escolar. A Educação Física, enquanto comunidade pedagógica, sempre adaptou-se às demandas sociopolíticas de cada época, embora nesse processo tenha demonstrado maior capacidade auto afirmativa do que auto integrativa - quer dizer, agiu mais corporativamente, buscando a autopreservação, do que de fato transformando-se em consonância com mudanças culturais mais profundas.

Tal estratégia, amparada pela tradição legalista brasileira, até hoje garante nossa permanência na Escola, mas ela me parece cada vez mais insustentável, lembra Betti (apud TAVARES, 2011). Quero dizer com isso, que além da amplitude no âmbito das mídias, os projetos intervêm na pedagogia escolar. Espera-se que mudar a metodologia de ensino das aulas desde a educação infantil é a alternativa apropriada

para se obter o resultado lá na frente de bons atletas e também é uma forma de buscar “talentos”.

A realização dos megaeventos esportivos pode trazer riscos de gerar uma população passiva que consuma apenas os espetáculos esportivos e os produtos a eles associados, sem possibilidades de maiores conhecimentos e, sobretudo de prática. Sendo assim, o esporte não estaria sendo socializado a toda população, que é quem contribui com o pagamento de impostos para a realização de megaeventos esportivos.

A Copa do Mundo da FIFA™ é a maior competição esportiva de uma única modalidade do planeta e o impacto dela na sociedade e no meio ambiente é indiscutível. Na realização de um evento internacional como esse, devem ser levados em conta todos os aspectos necessários para garantir que sua abordagem seja equilibrada e os resultados sustentáveis. A FIFA e o Comitê Organizador Local (COL) consideram esses fatores com seriedade e se comprometem em realizar uma competição sustentável no Brasil em 2014 (FIFA).

4 LEGADOS DOS MEGAEVENTOS NO BRASIL

Com a proximidade da copa do mundo as discussões a respeito dos esforços realizados para realização do evento tem se tornado motivo de revolta no povo Brasileiro, um problema é a falta de planejamento consciente na implementação dos vários projetos e o seu gerenciamento. Além disso, quais dimensões sociais que o contexto de realização dos megaeventos trouxe ou, por ventura, pode trazer para o Brasil? Por que estes eventos despertam tanto interesse? E será que estes Megaeventos são bem vindos ao Brasil?

De acordo ao dicionário Houaiss da Língua Portuguesa legado é “valor ou objeto que alguém deixa a outrem em testamento” e, por derivação e sentido figurado, “o que é transmitido às gerações que se seguem”.

Nessa perspectiva, os “resultados e consequências das ações necessárias para viabilizar a realização de megaeventos esportivos no Brasil”, ou seja, aspectos positivos e negativos destas ações no Brasil, para a realização da Copa do Mundo do Futebol em 2014 e das Olimpíadas em 2016.

Sediar eventos esportivos como Copas do Mundo e Olimpíadas, traz um ótimo retorno financeiro para o País sede, com a oportunidade de alavancar o crescimento econômico da nação anfitriã. Para Capel (apud FIGUEIREDO; LIMA; ARAÚJO, 2013), a realização de um megaevento esportivo atrai muitos e diversos efeitos positivos, podendo ser uma poderosa ferramenta de estratégias de marketing urbano, o que é requisitado pelas administrações locais como forma de inserir as localidades na economia mundo. Acredita-se que o principal objetivo do Brasil com a realização da Copa do Mundo em 2014 seja demonstrar ao mundo sua capacidade de investimentos, gestão destes investimentos e disponibilidade de profissionais capacitados, além da seriedade do país frente a desafios internacionais, objetivos estes que podem estar em risco. Uma análise do Mundial de 1994, realizado nos Estados Unidos, sugere que o impacto econômico do evento não pode justificar essa magnitude dos gastos e que as cidades experimentam perdas acumuladas de US\$ 5,5 a US\$ 9,3 bilhões, contra as estimativas de ganho de US\$ 4 bilhões de dólares elogiado pelos impulsionadores do evento, essa análise é motivo de discussões acaloradas sobre a validade ou não dos esforços e investimentos necessários para adaptar a infraestrutura existente, às exigências dos organismos promotores de tais eventos.

Estimava-se inicialmente que a Copa do Mundo de Futebol de 2014 demandaria um investimento de US\$ 5 bilhões hoje esse valor já chega a US\$ 12 bilhões investidos recursos públicos e privados. Deve-se levar em conta, no tocante à precisão de estimativas, que os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, inicialmente orçados em 500 milhões de reais, tenham consumido mais de 4 bilhões de reais.

Segundo o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, a maioria das obras já estava prevista no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Isso significa que são estratégicas importantes e seriam realizadas independentemente de o País receber ou não a Copa do Mundo. São obras urbanas, voltadas para a mobilidade, portos, aeroportos com o objetivo de ampliar e modernizar a infraestrutura em regiões metropolitanas do País, para o benefício da população. Também são investimentos para o desenvolvimento dos serviços de turismo e do comércio.

Megaeventos geram oportunidades para acelerar o crescimento e o desenvolvimento das cidades sede e do seu entorno, tanto no sentido das

oportunidades profissionais que se materializam para viabilizar a realização destes eventos quanto nos reflexos sociais destas realizações como visibilidade internacional, movimentação econômica, pois, implicam em grandes obras para melhoria de infraestrutura e mobilidade urbana, deixando legados positivos para as comunidades locais e a população em geral.

A Copa do Mundo de 2014, por exemplo, terá impactos econômicos em todo o país, a partir dos eventos esportivos nas cidades-sede escolhidas.

Segundo Estender, Volpi e Fittipaldi (2011, p.4): Análises econômicas apontam para um conjunto de benefícios diretos e indiretos, como: a conquista de novos clientes; a geração de maior volume de negócios; a fixação da imagem dos seus produtos; a promoção das suas marcas; a associação de produtos e marcas a características favoráveis de atletas ou de equipes; o fortalecimento da sua imagem pública; a obtenção de reconhecimento; a realização de programas de fidelização e de relacionamento com clientes, por meio, por exemplo, de centros de hospitalidade.

Ainda de acordo aos mesmos autores “alguns dos benefícios intangíveis para o governo” (ESTENDER; VOLPI; FITTIPALDI, 2011, p. 4): Maior interesse pelo país e modificação do seu perfil junto à comunidade internacional; Aumento do turismo e do investimento estrangeiro direto; Possibilidade de realização de outros eventos no país; Aumento da confiança e do orgulho da população local; Reuso de materiais para habitações; Diminuição de pressão sobre a previdência social; Benefícios tangíveis para a iniciativa privada; R\$ 12,7 bilhões (US\$ 1,23 bilhão) em receitas advindas de gastos de espectadores; Benefícios intangíveis para a iniciativa privada; Maior demanda por facilidades e serviços turísticos; Receitas adicionais provenientes de eventos similares; Novos investimentos estrangeiros diretos; Parcerias público-privadas para a oferta de equipamentos; Oportunidades de marketing.

Se por um lado evidenciam-se grandes movimentações políticas no sentido de organizar e gerir, por meio de parcerias público-privadas, toda a estrutura necessária para implementação de ações de toda ordem, por outro há quem apresente restrições de toda ordem, no sentido de apontar inúmeras ações frustradas, inacabadas e, principalmente, elencando ações prioritárias deixadas de lado, à margem das discussões estabelecidas, como os anseios que as comunidades em questão apresentam, em um sem número de necessidades básicas como saúde, educação,

moradia, transporte e segurança pública, normalmente, negligenciadas pelos poderes públicos.

Ao sediar um megaevento, o gasto público investido cria o que a literatura define por “custos de oportunidades”. Siegfried e Zimbalist (apud FIGUEIREDO; LIMA; ARAÚJO, 2013) comentam que a decisão por destinar parte do orçamento público na realização de megaeventos esportivos exclui a oportunidade de se priorizar esse orçamento em outras áreas, notadamente em áreas de demanda social.

De acordo com a Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFF), em “cartilha” publicada pós-evento ocorrido em setembro do corrente ano em Vitória (ES), tanto estudantes quanto população manifestam contrariedade explícita a que esses grandes eventos ocorram no país, quando confrontam os interesses econômicos e capitalistas que norteiam as ações daqueles que apoiam incondicionalmente a realização destes eventos, com os impactos sociais gerados pela negligência às ações consideradas básicas e estruturais contra a desigualdade social e pela melhoria das condições de saúde, moradia, trabalho e educação do povo brasileiro. A realização de um megaevento esportivo é financiada pela cidade ou país sede, o dinheiro usado é proveniente dos impostos ou na redução dos serviços públicos. Andreff (apud FIGUEIREDO; LIMA; ARAÚJO, 2013) afirma que apesar das declarações dos governos, o esporte não é tido como umas das áreas principais no orçamento dos países subdesenvolvidos. O autor chama a atenção para a frase que foi pintada em um dos estádios da Copa do Mundo de Futebol no México em 1986, “No queremos goles, queremos frijoles”. Tal passagem mostra o descaso com o dilema econômico em regiões em que a fome, o analfabetismo e a pobreza ainda imperam como é o caso da África do Sul, sede da última Copa do Mundo de Futebol.

Quanto aos “legados” (ou promessas de “legados”) da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, Souza e Marchi Júnior (2010, p. 248-249), Entendem como um tanto quanto prematuro falar nesses termos. Esse tipo de discurso, aliás, é bastante compreensível em se tratando dos órgãos e grupos políticos que estiveram à frente das campanhas de candidatura apresentadas a FIFA e ao COI, assim como no caso dos mais distintos especialistas culturais que concorrem no interior do campo midiático. Interessante também notar que o “discurso dos legados”

já passa a fazer parte, com certa frequência, do dia-a-dia dos mais diferentes agentes que se movimentam no espaço social brasileiro.

Apesar das posições contrárias e contraditórias, especula-se que os megaeventos no Brasil têm grandes chances de alavancar melhoras significativas para a população, transformando o país que almeja ser uma potência econômica em um país menos desigual e mais acessível à sua população carente.

O “discurso dos legados” já passa a fazer parte com certa frequência no dia a dia, o uso da logomarca “legado esportivo-social” de fato é comovente porém, o mais lamentável nessa lógica de responsabilidade social é o uso deste jargão para justificar, angariar fundos e promover os megaeventos para o uso inadequado do que é arrecadado ou “financiado”.

Deve-se procurar alertar sobre os perigos de levarmos a diante essa crença do “legado esportivo social”. Ao depositarmos nossas esperanças de construção de um projeto de sociedade justa e igualitária através da Copa ou Olimpíadas estamos trazendo sob outra roupagem a ideia de esporte salvacionista, no qual, diga-se de passagem, é extremamente interessante para as classes dominantes e com poucos efeitos nos grupos dominados.

O uso de elementos indenitários e emocionais é bastante recorrente, no universo da cultura constantemente são ativados elementos e esquemas próprios para uma economia simbólica interligada ao incentivo do consumo esportivo a fantasia de que apesar de termos todos os problemas sociais como fome, violência, falta de investimentos em saúde e educação, somos o povo hospitaleiro, simpático, com futebol gingado que nenhum outro povo consegue ser.

Souza e Marchi Júnior (2010, p. 248-49) sugerem,

A escolha do Brasil como sede dos principais megaeventos esportivos do planeta já está contribuindo para reacender alguns elementos identitários que vêm sendo articulados de forma singular à cultura esportiva brasileira mediante a implantação de um mercado esportivo no decorrer de nossa história. Além disso, ainda que entendamos que, de fato, a singularidade do projeto de construção da modernidade brasileira não reside e não se assenta sobre as características identitárias e emocionais do “homem-cordial que, associada como resposta compensatória e imediata as nossas mazelas e misérias numa mistura de traços tradicionais, pré-modernos e modernos, constitui o chamado “dilema nacional”, identificado na abordagem teórica de DaMatta, 1979

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns termos e citações que incitam a reflexão merecem ser destacados aqui: [...] cidades, cada qual buscando apresentar-se ao mundo como uma cidade global, nos dizeres de Harvey (2006), como uma cidade favorável e amigável aos negócios, como um lugar seguro para se morar e visitar, para divertir-se e consumir (MASCARENHAS, 2012). [...] a diplomacia do governo Lula proclamou maior presença do Brasil no mundo, alçando-o à condição de potência e um autêntico global player (ALMEIDA apud TAVARES, 2011). [...] a evolução do marketing esportivo transformou os Jogos num megaevento empresarial, um empreendimento efêmero, mas enormemente lucrativo e totalmente inserido na economia política global, algo bem distante da competição limpa de interesses políticos e comerciais, voltada ao engrandecimento da cultura atlética e educação do caráter, como preconizava a tradição do ideal olímpico (MASCARENHAS, 2012). [...] produzindo consensos e mobilizando o orgulho cívico, apresentando o projeto olímpico como expressão da própria vontade geral da nação. No entanto, o que se organizará sob a aparência do espetáculo esportivo um verdadeiro balcão de negócios (HARVEY apud MASCARENHAS, 2012).

Junto com os termos Megaeventos Esportivos, “Legados”, Impactos e tantos outros conceitos surgem diversos mal entendidos e a urgente necessidade de aprofundar-se no estudo sobre os temas. Neste aspecto, cabe a comunidade acadêmica produzir análises críticas buscando a compreensão das dimensões que tais eventos alcançam, problematizando tudo o que está envolvido no processo e nos projetos dos mesmos. A produção de conhecimento universitário será muito útil para formar bases consistentes de diálogo entre as entidades organizadoras e a comunidade, saindo do senso comum e ampliando as noções dos conceitos, conscientizando o uso dos termos e evitando falsas crenças, já que hoje tanto se fala sobre o assunto sem ao menos saber do que realmente se trata. Sendo assim, os acadêmicos do curso de Educação Física, principalmente, devem “problematizar não só o seu impacto ou relações com a escola, mas também com as práticas corporais e a saúde, o meio ambiente, a comunicação e a mídia, o corpo e a cultura, a formação

profissional, os movimentos sociais, as políticas públicas, a inclusão e a diferença, o próprio desempenho e treinamento, etc.” (MASCARENHAS, 2012).

Outro aspecto que chama atenção é o ser “contra ou a favor” do esporte. Esse é o típico engano que deve ser esclarecido e evitado que se torne um hábito banal. Por um lado há aqueles que defendem o esporte a todo custo, pintando um quadro de atletas de grandes performances e usando-se disso para divulgar produtos e marcas, como se aquele estereótipo fosse o ideal a ser alcançado pelos indivíduos que pretendem manter uma boa saúde e qualidade de vida. Em contraposição observamos que também existem aquelas que difundem o lado do esporte de caráter educativo, um possível meio de intervenção para o desenvolvimento individual e conseqüentemente possibilitando a contínua transformação social consciente. Não é preciso posicionar-se radicalmente de um lado ou de outro, mas sim manter um olhar sempre crítico quanto aos envolvimento esportivos.

A questão da “inclusão”, que está sempre presente dos discursos daqueles que divulgam os eventos também necessita de um estudo cauteloso, por ter um caráter tão importante a nível social e cultural. Questionamentos devem ser feitos, constantemente. Cabe-nos conscientizar: Será que construções de espaços esportivos e de lazer são o suficiente para garantir a acessibilidade daqueles que vivem em estratos sociais mais baixos? O senso reflexivo e crítico só são construídos com um profundo e intenso trabalho educativo desde a escola básica. A real transformação que proporciona esse acesso coletivo inicia-se através do exemplo educativo.

Quanto ao campo do profissional de Educação Física, cabe ressaltar as diversas alterações individuais e coletivas que tem sido feitas em função de uma mentalidade cultural criada e mantida de que o esporte é um dos protagonistas do desenvolvimento econômico do país. Alguns cursos de graduação têm sofrido mudanças em seus currículos priorizando disciplinas de metodologia de ensino do esporte. Sem contar que desde sempre existiu uma predominância da abordagem das disciplinas a partir das Ciências Naturais e Biológicas, que consideram apenas a parte orgânica e funcional do corpo, desconsiderando a importância social, política e cultural que o desenvolvimento do mesmo pode trazer. Esse panorama todo sobre os Megaeventos Esportivos ampliou consideravelmente o campo da Saúde dentro da Educação Física. Há cada vez mais pessoas se influenciando por aquilo que os atletas

representam socialmente, colocando em risco a própria qualidade de vida, à medida que buscam aproximar-se do ideal por eles divulgado.

Cabe ao profissional/professor de Educação Física desconstruir crenças de que, por exemplo, atividade física/vida ativa são sinônimos de saúde. Por atividade física entendemos "qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulte em gasto energético maior que os níveis de repouso". (CASPERSEN, 1985), o que é diferente de exercício físico que parte de um planejamento estruturado da atividade física, visando a manutenção e a melhora de componentes da aptidão física. Esses termos não devem ser usados de maneira equivocada por aqueles que têm o corpo e toda sua complexidade como foco de trabalho.

Uma vez que os Megaeventos esportivos tem tamanha importância e profunda influência na estrutura cultural dos povos, o esporte de alto rendimento deve ter um olhar destacado pelo profissional. Alto rendimento está ligado a uma melhor performance, em tempos recordes, com desenvolvimento atlético acelerado, etc. É indispensável considerarmos que possíveis lesões ameaçam prejudicar as funções tanto fisiológicas, quanto psicológicas e emocionais do indivíduo que pratica o esporte, alterando seus ritmos orgânicos naturais.

A integralidade do sujeito é pauta fundamental na orientação educativa do profissional/professor. Nossa função é muito maior do que formar grandes atletas. Devemos auxiliar no desenvolvimento de indivíduos autônomos e capazes de construir e de conquistar seus ideais. Para isso faz-se crucial iniciar o trabalho consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

CASPERSEN. **Atividade física**. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Atividade_f%C3%ADsica>. Acesso em: 15 nov. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Megaeventos esportivos: iniciativa pioneira na formação de cidadãos. **Revista EF**, Brasília, v. 9, n. 39, p. 28-30, mar. 2011.

Disponível em:

<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2011/N39_MAR%C3%87O/21_MEGAEVENTOS_ESPORTIVOS.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2013.

DA COPA eu abro mão! Quero saúde, esporte, moradia e educação: cartilha de subsídio aos debates da Campanha Nacional contra a vinda dos Megaeventos ao Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 34., Vitória, 2013.

Anais... Disponível em: <<https://chistufrgs.files.wordpress.com/2013/04/caderno-de-debates-exneef-2012-2012.pdf>>. Acesso em 2014.

DAIOLO, Jocimar. **Educação física escolar e megaeventos esportivos**: desafios e possibilidades. Campinas: UNICAMP, 2013.

ESTENDER, Antonio Carlos; VOLPI, Almir; FITTPALDI, Marco Aurelio. **O legado da copa do mundo em 2014**. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS, 14., 2011, São Paulo. **Anais...** SIMPOI, 2011. Disponível em: <http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2011/artigos/e2011_t00466_pcn49543.pdf>. Acesso em: 2014.

FIFA – WORLD CUP. **Site Oficial**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

FIGUEIREDO, Fábio Fonseca; LIMA, Elaine Carvalho de; ARAÚJO, Marcelo Augusto Pontes de. Os impactos e legados nefastos dos megaeventos esportivos no Brasil: Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos 2016. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 14., Lima, 2013. **Anais...** Lima, 2013. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/cms/artigos-em-anais>>. Acesso em: 2014.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e educação física: alerta tsunami. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 39-67, jan/mar. 2012.
RIO 2016. **Site oficial**. Disponível em: <http://rio2016.com/os-jogos/olimpicos/evento?tplace=Mais_Acessados&tid=Evento%2520-%2520Os%2520Jogos%2520O%25C3%25ADmpicos>. Acesso em: 15 nov. 2013.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Os “legados” dos megaeventos no Brasil: algumas notas e reflexões. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n.34, p. 245-55, jun. 2010.

TAVARES, Otavio. Megaeventos Esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul./set. 2011.



Centro de Memória do Esporte

Escola de Educação Física

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

Porto Alegre - RS

90690-200

Tel: (51) 3308-5879

ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:

www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:

<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro constitui-se em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS em Porto Alegre (RS) em 2014.